

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 12

Dezembro de 1917

Ano LXIX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

Acabará o militarismo?

Esfalfam os políticos os pulmões clamando que o único fim da presente guerra é acabar definitivamente com essas dolorosas aventuras, e para isso aniquilar desta vez para sempre o *militarismo prussiano*, e portanto o de qualquer outra nação.

A nós militares não pode ser indiferente esta afirmação, e ao passo que os nossos camaradas, tanto os portugueses, como os de todos os países aliados, heroicamente se esforçam e se sacrificam para atingir esse proclamado *desideratum*, não é de certo supérfluo, nem inoportuno, e pode mesmo ser um factor de maior estimulo e bravura, pensar um pouco sobre este ponto. Será possível vir esta a ser a última guerra que a Historia ha de registar? Acabará com ela, o militarismo?

E em primeiro lugar o que é que vem a ser o *militarismo*? É claro que bastaria consultar qualquer dicionário para immediatamente obtermos uma resposta à letra desta pergunta. Mas não nos contentamos agora com isso: queremos uma resposta ao espírito da questão, queremos abranger um pouco mais largamente ou mais profundamente o conjunto de noções, de ideias, de aspirações, porventura de devaneios, que tal palavra suscita nas mentes que dela fazem uso, quer sejam políticos, estadistas, operários, militares, ou o que forem.

Não nos parece fácil, sob este ponto de vista, dar da palavra militarismo uma adequada e completa definição. Nem mesmo que atinássemos com ela neste momento, ela seria de certo aceite geralmente, porque suspeitamos que o modo de encarar esse assunto difere essencialmente conforme o ponto de vista que se considera: é um cristal de muitas facetas, cada

uma das quais pode deslumbrar certos observadores, e ser absolutamente opaca, senão tenebrosa, para outros!

Mas, assim como em matematica se obtem ás vezes luminosas demonstrações, encarando os problemas pelo lado absolutamente oposto áquele que se pretende resolver, assim tambem neste caso, vejâmos se nos será mais fácil avançar no raciocinio procurando o termo antinómico do que estudamos. Que nos poderá dizer o termo: anti-militarismo?

Este sim: este, ao que se nos afigura, não deixa em geral dúvidas sobre a sua verdadeira significação nem sobre os ideais e os objectivos que representa, e que muitas vezes tem logrado pôr em evidencia mais ou menos palpavelmente. E se no momento actual essa palavra representa, digamos assim, um mito sem realidade, por isso que não ha no mundo, pode-se dizer, quem neste momento fatidico não seja militar, nem por isso é difficil relembrar o que foi o anti-militarismo antes da guerra tremenda actual, ou imaginar o que tornará a ser talvez, quando enfim se ensarilharem armas, quando se calar a voz clamorosa da artilharia, quando os oceanos, a terra, e os ares de novo forem seguros e fecundos, e as dezenas de milhões de entes, que hoje só labutam na obra de destruir, venham a conglobar os seus esforços na de edificar para o bem, para o progresso, para a prosperidade humana.

* * *

Não ha dúvida sobre o que é e sobre o que pretende o anti-militarismo. A palavra o diz, com uma trasparencia diáfana: é o desejo, é a tendencia, é a propaganda para que não haja mais o espirito militar, a disciplina militar, a hierarquia militar. É, como se viu em França antes de desencadear esta formidavel guerra, ainda mais do que isso; é a diligencia e o empenho de acabar com as nacionalidades, pois é evidente que se estas desaparecessem, se a humanidade inteira fosse uma única nação, mais fácil deveria supôr-se o prescindir dos exercitos e de tudo que com eles se relaciona ou deles depende.

O anti-militarismo portanto, começa por negar e pretender aniquilar a ideia de nacionalidade, a noção de pátria. Como primeiro passo para os seus vastos e ambiciosos ideais,

pretende que todos os povos abstraíam das suas peculiaridades das suas idiosincrasias, dos seus interesses, e do amor ao seu torrão natal, para apenas conservarem no ânimo a ideia de serem irmãos como membros da espécie humana : de serem cidadãos unicamente do globo terrestre inteiro.

Não foi porem com este objectivo primitivamente em vista que o anti-militarismo se constituiu em corpo de doutrina. A primeira ideia que sugeriu tal desejo foi decerto a de resistir à sujeição da farda, e aos encargos indubitaveis, pesados, e tantas vezes injustos ou desiguais, que são consequência immediata do chamado imposto de sangue.

A situação de guerra aberta foi durante séculos e séculos a condição normal da humanidade. Desde o homem primitivo que pelo sustento arrancado à descaroavel natureza ou arrebatado ás feras tinha de lutar e combater diáriamente, e que não lograva alcançar um momento de repouso sem ter iminente o perigo de um ataque, até ás guerras medievas constantes entre castelo e castelo, nas antiguidades classicas, de que a Historia nos deixou narrativas, ou naquelas que só nos documentos archeologicos encontram expressão, sempre e em toda a parte vemos que a noção da guerra, a usurpação dos territorios, o aniquilamento ou a subjugação das populações inermes era a regra geral, e constante. As populações mais energicas, mais combativas, ou mais engenhosas e habéis na invenção e no uso das armas, assim como na organização e na coesão, foram as que leváram de vencida e domináram as outras.

Com o andar dos tempos essas qualidades, a principio inatas e expontaneas, tivéram de ser estudadas e submetidas a regras e a pratica especial. A tribu guerreira ou bando armado e dominador serviram de modelo, ás sociedades já mais adiantadas, e produziram os exercitos, mais ou menos permanentes, a quem incumbia em especial o dever e o officio de combater pela segurança da restante comunidade; ás vezes teria a missão de a abastecer de objectos indispensáveis arrebatando-os ás colectividades visinhas mais ricas ou mais bem dotadas; e quando o instinto guerreiro surgia num chefe prestigioso, passava esse exercito, a principio puramente defensivo, a exercer um papel de conquistador que em certos casos pôde

chegar a dar impérios estupendos como o de Tamerlão, impondo a sua durissima supremacia a toda uma região tão imensa como a que medeia entre o Japão e a Austria.

Estes casos eram porem sempre uma excepção rarissima. Pelo contrario as populações europeias habituaram-se a não intervir em guerras, deixando aos exercitos, sob os seus diversos nomes e feições, o encargo e a profissão de combater. Isto chegou ao ponto, bem conhecido, de nas guerras tão afamadas da Europa central, que se protraiam ás vèzes anos e anos, e até ainda nas do tempo de Luís XIV e Frederico II, as populações verem, quasi indifferentes, a entrada e a occupação por amigos ou inimigos. Os exercitos tinham passado a ser ou mercenários, ou recrutados a cordel, ao acaso; era soldado quem o queria ser, ou quem era obrigado por fatalidade a isso, e como esses individuos eram uma minoria infima relativamente ao numero de habitantes do país: como eram dos mais desprotegidos e por isso não tinham quem por eles se interessasse, e como para individuos assim, a vida de soldado, e as suas regalias — que as tinha — eram afinal um relativo bem-estar, e uma causa de ufania, compreende-se que ninguem pensasse por esses tempos em levantar ou lembrar sequer ideias anti-militares. As populações quasi nem sentiam o pêso do imposto de sangue, e ao seu espirito simplista e submisso não era difficil perceber que as tropas eram indispensáveis para defender a pátria contra os visinhos que, sem a menor dúvida, não tardariam a aproveitar qualquer desfalecimento ou fraqueza que suspeitassem nas forças defensivas da nação. Todos davam por bem empregado, por indispensável mesmo, a existência de um forte núcleo de tropas aguerridas prontas a repelir o invasôr, ou a impôr aos visinhos o respeito e o receio.

As guerras eram assim um facto sempre mais ou menos esperado, para o qual todos concordavam que se devia estar precavido.

E como ao terminar uma batalha, ao celebrarem-se uma pazes, as vitimas caídas no campo, não podiam já fazer ouvir os seus lamentos ou execrações, pois delas ficava sendo a mudez eterna — como sempre —, acontecia que as únicas vezes que atroavam então as nações eram as do inebriante triunfo dos que tinham logrado vencer, ou as de implacavel e sombria ância de desforra que dominava os vencidos; quer umas quer

outras apenas iam ateiando, ou conservando latente, sob as cinzas de um aparente socêgo, o ardor de um ódio intenso e concentrado, ou de uma nova insofrida ambição.

Tudo isso apenas tornava mais necessária, mais inevitável a existência dos exércitos. Ninguém se lembraria de os suprimir; o anti-militarismo nem sequer era sonhado. No entanto, alguma coisa ia surgindo porêem já no ânimo popular, que em germen não era senão essa moderna noção. Como o govêrno e a direcção dos negócios públicos eram ostensivamente concentrados nas mãos, ou antes na dignidade, dos reis, dos imperantes; como as causas donde as guerras derivavam, eram na sua essência desconhecidas sempre — e não o serão ainda hoje? — até mesmo pelos que mais directamente as decidiam, e que inconscientemente imaginavam serem delas absolutamente responsaveis, não admira que na consciência popular se fôsse arreigando a idea de que era por prazer, por desporto, por simples capricho dêesses reis ou imperadores que se declarava qualquer guerra. Daqui foi provindo um rancor ou ódio aos soberanos, sempre que os seus reinados eram fecundos em campanhas, ainda que prósperas ou gloriosas; daqui se espalhou e tomou vulto essa noção de que os que morriam no campo de batalha, eram sacrificados por culpa do príncipe,

«..... dans vos guerres cruelles
Faut-il que l'on meure pour vous?»

exclamava La Fontaine, nesse sentido, no tempo de Luís XIV.

Surgiram porêem a breve trecho as campanhas da Revolução. O entusiasmo que levava as tropas ao combate, a rápida e às vezes assombrosa promoção, o ideal de espalhar pela Europa a decantada Liberdade, e pouco depois, a ambição de riquezas e do prestígio que eram os frutos mais cubiçados e mais palpaveis dessas campanhas, logo conseguiram tornar de novo a guerra estimada e popular; foi preciso a pasmosa hecatombe do primeiro império para outra vez a tornar odiosa. A lenda napoleónica e o seu desfecho em Sedan contribuíram ainda para criar a noção de serem as guerras fruto da vontade ambiciosa de um só homem. Mas a unificação da Itália, a guerra da secessão americana, e sobretudo a formação do império alemão, bem claro tornaram que interesses mais altos

nacionais armavam muitas vezes os cidadãos para conseguir fins muito superiores à simples vanglória ou egoísmo dos soberanos.

Logo porém que se acentuou, com o pasmoso desenvolvimento da indústria moderna, o movimento de libertação do proletariado; logo que as sucessivas e crescentes reclamações dêste foram afirmando ter nascido na sociedade um novo factor de primacial importância; logo também, se desenhou, e acentuou, uma tendência colectiva de um character já verdadeiramente anti-militarista. A causa primeira dessa tendência foi muito provavelmente o obstáculo que as tropas regulares opunham às greves violentas, contra cujos desvarios eram obrigadas a intervir. Os operários, como tão vivamente pinta Zola, increpavam os soldados, porque, apenas vestiam uma farda, logo se alheavam dos seus irmãos, e até os combatiam, como se nada de comum tivessem com eles até ali. A idea era justa: quem transformava um camponio, um trabalhador, em um soldado? Era essa disciplina militar, era esse conjunto de peias, e de ensinamentos que dava a coesão aos exércitos. Portanto era preciso combater tudo isso, aniquila-lo, inutiliza-lo, e aqui temos o anti-militarismo surgindo e avolumando-se com a successiva repetição de factos análogos, com a inconsciência dos governantes em não se amoldarem às novas circunstâncias sociais; com a intransigência feroz e impaciente dos que se sentiam lesados, ou apenas eram levados a julgar que o eram.

Os ideais humanitários, que a muitas almas cândidas pareciam ser a causa primária, e a absoluta justificação do anti-militarismo, decerto não intervieram nunca senão como um favoravel eufemismo. Não era o desejo de tornar todos os homens irmãos, nem o de obstar às calamidades e à carnificina da guerra, nem tampouco o de utilizar em obras de paz e de fomento as quantias anualmente subvertidas nos orçamentos militares, que instigava no fundo os fautores do anti-militarismo no século XIX. O seu fim, o seu desejo, era o sabido «ni Dieu ni maître!» que já se ia tornando um dogma das modernas fermentações sociais. Emquanto não desaparecessem o dever militar, o brio e a confraternidade das armas, a disciplina severa, o respeito hierárquico, tudo emfim quanto constitue a força e a coesão dos exércitos, emquanto isto não

fôsse inutilizado, nunca os tumultuários movimentos de reclamação poderiam lograr qualquer êxito, pois a experiência ia mostrando que logo que a fôrça armada era chamada a intervir, com energia, estavam fatalmente jugulados todos os arrancos das massas, por mais solidariedade que aparentassem.

Assim nasceu, portanto, e cresceu vivaz, o anti-militarismo, preconizado por esses que tanto interesse supunham em o tornar um dogma, e favorecido pelas circunstâncias políticas internacionais que iam deixando as nações gozar dos benefícios de uma *paz pôdre* prolongada. As grandes potências, ao passo que iam mantendo e desenvolvendo os seus meios de guerra, terrestre ou naval, embora a cada instante estivessem ameaçando-se mutuamente «mostrando os dentes» pelo mais leve motivo que ferisse as suas susceptibilidades diplomáticas, não se atreviam comtudo a lançar-se no pélagos revoltos, e de incertas promessas, de uma guerra europea. Eram verdadeiros cães de fila, que embora sempre rosnando e prestes a atirar-se uns aos outros, se temiam reciprocamente e não chegavam a cobrar ânimo para avançar, segundo uma comparação muito velha e sempre verdadeira. E vê-se agora bem quanta razão tinham para isso.

Mas o facto é que assim continuavam os exércitos a ser um pesadíssimo encargo financeiro para todos os orçamentos, e de uma utilidade já pouco evidente aos olhos das massas, visto que se ia arreigando a convicção de que nunca chegariam a vir às mãos. Como sucedia entre nós, a passagem de um regimento, de música à frente, garboso e lúcido, se em alguns espíritos mais lúcidos ainda suscitava um sentimento de respeito e de patriotismo; se aos espíritos mais rudes ou pueris apenas divertia como espectáculo vistoso; à grande maioria dos cidadãos merecia sòmente o comentário «será bonito, mas sai-nos muito caro», como mais de uma vez nos sucedeu ouvir. A presença de tropas, de um simples oficial em reconhecimento, outrora acolhida sempre com entusiasmo benévolo, passara em quasi toda a parte a ser recebida com surda hostilidade, e disfarçada má vontade, esquivando-se todos que podiam aos encargos do aboletamento, e tratando sòmente de explorar comercialmente o caso, sem se importarem em dificultar assim e prejudicar o serviço militar dessas forças. Os soldados, os graduados e os próprios oficiais eram persisten-

temente influenciados por correntes, propagandas, pamfletos anti-militaristas, apelando para a suposta inutilidade da sua permanência nas fileiras, para os sentimentos de fraternidade e solidariedade humana, para o ódio aos superiores, "que não valem mais, se valerem tanto" como os seus subordinados, e mil outros processos ou ideias que iam minando geralmente e abalando na sombra a força, a coesão, a camaradagem militares.

De todos os países do mundo, foi talvez a França aquele onde tal propaganda se tornou mais eficaz e mais nociva. Nas outras nações o seu efeito foi muito menos aparente por duas causas opostas mas concorrendo para o mesmo resultado: ou a noção militar era demasiado firme, para ceder a tais processos, ou pelo contrário era já tão fraca que não merecia atenção especial. Por isso também foi em França que se viu um mais patente obscurecimento do espírito militar nos anos que precederam a guerra, favorecido cegamente pelo facciosismo político, pela nefasta ingerência da intriga e da prepotência nos negócios do exército, sujeito à insciente direcção dos parlamentos, mais ciosos sempre — e ainda hoje — de afirmarem o seu direito do mando, do que competentes para o exercerem. Os espíritos claros, os chefes conhecedores do assunto, pediam maiores efectivos, mais tempo de serviço, mais artilharia e de maior potência: tudo o anti-militarismo parlamentar e geral, negava teimosamente. E depois de tudo isto, e do que a tal respeito se sabe já, e se suspeita, só nos resta admirar com redobrado fervor a acção, sobrehumana quasi, que, de um exército minado por tais influências deletérias, cerceado de todos os meios de acção, pôde conseguir esforços de constância como foram os da retirada de Mons e Charleroi ao Marne; esforços de heroísmo como foram os que se lhe seguiram até Verdun e o Iser; esforços de reorganização e de municiação, como os que estão assinalando as mais recentes fases da resistência em França.

Seja como for, o espírito anti-militarista que subjugava a França e dali ia alastrando por toda a parte, desapareceu por completo ao embate impetuoso dos factos, e ao refulgir do sentimento nacional e patriótico, sob a ameaça do perigo iminente e tremendo. A grande família militar retomou a sua perfeita coesão; a população civil compreendeu o seu papel de esteio

e refôrço à acção dos exércitos, e o anti-militarismo desapareceu por completo. Hoje em França, em Inglaterra, nos Estados Unidos, em toda a parte, todos são sinceramente e com entusiasmo, militaristas ferrenhos. O ideal de um mundo todo de concidadãos, está por muito tempo posto de parte, e pelo contrário vemos ter surgido uma tendência manifestamente nacionalista, levando as pequenas nacionalidades a defenderem estrenuamente o seu direito à independência, sob a inspiração das afirmativas inglesas que tanto se esfalfam em proclamar que o seu único fim nesta guerra é garantir os direitos dos fracos e dos pequenos, a liberdade da Europa e do mundo, a justiça aos oprimidos, e o progresso da civilização.

*

* *

De tudo quanto fica dito, podemos enfim, talvez, concluir o que vem a ser o militarismo. É tudo quanto se opõe às tendências anti-militaristas. É o predomínio exclusivo numa nação, da disciplina, da obediência, do respeito hierárquico. E' a elevada noção de que existe uma pátria, e que o primordial dever de todos os seus filhos é defendê-la e exaltá-la por todos os meios, a despeito de todas as dificuldades, mercê de todos os sacrifícios, incluindo o da própria vida. Infelizmente, por mais que se deseje o contrário, ainda por muitos milhares de anos continuará a ser *homo homini lupus!* A pátria há de por largo tempo estar sujeita aos riscos da ambição dos vizinhos, dos rivais; e para que exista, para que cresça, para que se afirme sempre com brio e honra, é indispensável cultivar nos seus membros um espírito de solidariedade, levada a tão alto grau que seja capaz de todos os sacrifícios.

Por ora, só dois meios existem na mentalidade humana para isso conseguir: é a fé patriótica, ou a fé religiosa; são os sentimentos afectivos inconscientes tão eminentemente postos em foco pelo excepcional e claro talento de G. Le Bon.

Deixemos à fé religiosa o campo que lhe pertence, e em que ela é, sob qualquer forma que seja, absolutamente intangível. Cultivemos a fé patriótica, fazendo firmemente crêr na união, na solidariedade de todos os nacionais perante o es-

trangeiro. Seja cada cidadão ufano, com razão, do seu país, não admitindo sequer a hipótese de nêle ter de receber ordens de nenhum estranho, com a consciência de que não há motivo para tal. Veja, sinta palpavelmente cada um, que em parte nenhuma pode estar melhor que na sua pátria, tornando sempre e unicamente aplicável a êsse abençoado torrão o aliás perigoso *ubi bene, ibi patria*. E acima de tudo, não se fie senão em si próprio para afirmar, sempre que seja preciso, e por todos os meios, incluindo a guerra, a sua qualidade de patriota, a sua existência de cidadão.

Poderá, pois, desaparecer o militarismo? Poderá prescindir-se do único meio até hoje imaginado ou vislumbrado de conseguir que os cidadãos, conscios do seu impreterível dever de defender a pátria, possam realmente congregarem-se com eficácia nêsse intuito? De que servirá que individualmente cada um dêles esteja fanaticamente resolvido e disposto a lutar até à morte pelo seu país, se essas firmes vontades não coordenarem os seus esforços, e não conseguirem concorrer todos harmonicamente para conseguir o seu fim?

Não passa decerto nem por sombras pela mente de ninguém que seja possível deixar a cada um a liberdade de proceder em tais casos. Tem de se reunir em grupos, tem de se organizar em exércitos, onde haja quem mande e quem cêgamente obedeça, quem cuide dos abastecimentos e da sua distribuição, quem se sujeite a privações e a inclemências por saber que não é possível o contrário, quem se exponha às balas inimigas no momento em que os seus chefes lhe indiquem, e julguem ser oportuno.

Tudo isto não se consegue com vãs declamações, nem com frios argumentos. Para isto é preciso alguma coisa mais; é preciso uma educação intensiva, de todos os momentos, incutida desde a mais tenra infância, inspirada desde os primeiros raciocínios, cultivada sempre pelo exemplo, pela escola, pela sugestão sob todas as suas formas. E' preciso que na paz os militares tenham o extremo orgulho da sua farda, que disfrutem uma consideração geral, merecida por quem assim está mais que ninguém sujeito ao sacrifício da vida pela pátria; é preciso, é indispensável, que seja um dogma a disciplina cêga, e pronta; que não se admita a mínima quebra no respeito pelos superiores, e que êstes se achem tão obrigados

como os seus subordinados a cumprir todos os seus deveres, e a dar o exemplo de todos os sacrifícios.

Para manter tudo isto firme e sòlidamente arreigado nos espíritos durante longos anos de paz, é evidentemente necessário não haver um só instante quebra nessa instrução, nessa propaganda; constantemente se estar lembrando o perigo e a eventualidade da guerra; instruindo as tropas no máximo, fornecendo-lhes o material mais perfeito, e em que elas vejam poder confiar; animar o amor próprio individual com recompensas, honras, consideração especiais; fazer que a nação em pezo ame, admire, e considere as suas tropas. Tudo isto é o militarismo, tão indispensável por ora à vida das sociedades como à existência das nações.

*

* * *

Compreende-se portanto sem dificuldade, que destruir para sempre o militarismo prussiano, quer dizer o dos inimigos, seja a suprema ambição dos aliados nesta guerra. Dêmos de barato que o consigam inteiramente, e que ao chegar o dia radioso da «paz geral» (é bem o caso de reeditar êste antigo estribilho!) os impérios centrais se achem condenados para sempre a um verdadeiro reinado de Astrea, a um encerramento perpétuo do templo de Jano, a uma impotência militar definitiva e total.

Mas, extinto assim êsse militarismo odiado, não restará qualquer coisa semelhante nas terras dos vencedores? terá êle de facto desaparecido da face da Terra, ou mesmo sequer, dos países civilizados? Seja-nos permitido duvidar.

Os longos meses de guerra implacável que têm decorrido, criaram *de toutes pièces*, ou desenvolveram ao máximo, um perfektissimo instrumento, imenso, complicado, delicadissimo nos seus inúmeros órgãos, mas que hoje, e daqui por diante, funciona sem o mínimo precalço, automaticamente quasi: são os exércitos em campanha, e os seus serviços auxiliares repar-tidos por toda a população do interior. Ao terminar a guerra, todo êsse complicadissimo e caro maquinismo, hoje em plena acção, lançado na sua carreira com a energia máxima de que

é susceptível, terá de se fazer parar, gradualmente sem dúvida, e de voltar pouco mais ou menos à modalidade de antes.

Será isso relativamente fácil na parte material, na organização das oficinas, dos arsenais, dos caminhos de ferro. Mas, na parte humana, êsses milhões de homens que tem exercido com assombrosa constância e infatigável energia o duro mister de combatentes, ou o não menos necessário mister de operários, ficarão representando uma fôrça enorme, que a paz — definitiva como se espera — porá de vez inactiva.

Pode-se decerto imaginar que essa imensa colectividade, embora inebriada com os incensos do triunfo, consinta, de boa mente e sem demora, em vêr quebrar êsses laços indissolúveis da fraternidade das trincheiras e dos campos de batalha, e regresse sem relutância nem hesitação à vida pacífica, a retomar como novos Cincinatos a rabiça do arado, depondo para sempre as armas e toda a farpela gloriosa de soldados do Marne ou de Verdun. Contudo, por mais que o desejem, o espírito colectivo militar, o militarismo emfim, dessa enorme falange de guerreiros tornados pacíficos, não se poderá extinguír na geração a que pertencem. A narrativa dos seus feitos há de obcecar ainda as gerações futuras. Assim se há de ir perpetuando por longos anos a admiração pelo heroismo militar, pelos milagres de organização que se conseguiram realizar, pelos feitos individuais ou colectivos que terão aureolado de imorredouro prestígio o lar do veterano e a bandeira nacional.

E os próprios govêrnos? Poderão jámais resignar-se a perder e inutilizar para sempre essa máquina a que acima aludimos, que tanto trabalho, tantas anciosas canceiras tinha custado? Depois de chegar a vê-la perfeita, que potência se animará a destruí-la? E a sua necessidade nunca mais se viria a manifestar de novo?

Os actuais aliados, tornados fatalmente rivais logo que se firmar a paz, não julgarão um cúmulo de imprudência largar das mãos e quebrar como inútil essa arma perfectíssima que tão bem tinham manejado, e tanta falta lhes fizera nos dias terríveis de provação que precederam o Marne, e ainda depois disso?

Basta formular esta pergunta para imediatamente se nos

oferecer a resposta. *Não*, evidentemente; as potências aliadas hão de ainda por largos anos manter, conservar, aperfeiçoar e desenvolver os seus exércitos, e a organização militar das nações, que é o único meio de os ter. O militarismo, sob uma forma ou sob outra, ha de assoberbar por gerações sucessivas o govêrno das repúblicas ou dos impérios. O contrário seria tornar a cair com pasmosa e infantil credulidade nos erros gravísimos que trouxeram a França em 1914 à beira do abismo, que impediram a Inglaterra durante longos meses de se afirmar com eficácia nos campos de batalha, e lhe causáram dis-sabores tão amargos como Kut-el-Amara e os Dardanelos.

*

* * *

Sem atendermos agora ao que era, ou foi, o militarismo nos impérios centrais, que nele manifestamente tinham por assim dizer a própria existencia, e lhe podiam bem apleiar o *in eo vivimus, movemur, et sumus*, vejamos a esse respeito as características que distinguíam as potencias aliadas, e as modificações que lhes produziu a guerra, ou que é de esperar venha a produzir.

Começando pela Rússia, o grande império «mais asiático do que europeu», vemos uma ininterrupta série de anos e de séculos dominados por uma constante preocupação de conquistas guerreiras, desde que Pedro o Grande organisou à europeia o seu exercito, e como ele mesmo dizia, tantas vezes foi vencido pelos belicosos suécos de Carlos XII, que por fim aprendeu a vencê-los. O lendário testamento que se lhe atribue, preconizando aos seus sucessores uma política de vasta e constante expansão, nunca deixou de nortear a chancelaria dos tzares.

Para isso era indispensável poderem-se firmar num forte poderio militar. A massa iletrada dos *mujiks* evidentemente nada via no serviço militar senão uma calamidade inevitável, que o *paisinho* exigia. Mas as numerosas populações de caracter mais ou menos nómada e guerreiro que povoam as regiões meridionais e constituem a descendência atávica dos antigos cossacos, e dos tártaros invasores, eram só por si um

núcleo fortissimo de resistência e sobretudo de ataque, organizados e municados como estavam à moderna.

A casta militar tudo dominava no império, por intermedio dos grão-duques da familia imperial, todos revestidos de importantes comandos, educados desde a infância no uso das armas, na vida dos acampamentos e na pratica das escaramuças contra as várias tribus mais ou menos irrequietas e insubmissas que sucessivamente tem sido integradas no vastissimo territorio moscovita. Nos empregos civis quasi em todas as categorias, sobretudo nas inferiores, não se viam senão antigos militares, mais ou menos medalhados. E até na ordem hierárquica dos funcionários é sabido que vigorava o sistema do *tchine*, em que cada lugar civil tem uma equivalência fixa para com os postos militares: o amanuense é sargento, o chefe de repartição coronel; o servente, simples soldado ou cabo. Os que tinham categoria de directores gerais, eram equiparados a generais, e até vulgarmente tratados por este titulo, nas suas relações públicas ou particulares.

Portanto na Rússia dominava o militarismo; sobrepujava a todas, e em muito, a casta militar. Foi ela quem em grande parte, tornou inevitável esta guerra, ambicionando reaver na peninsula balcânica o prestigio duramente abalado na guerra japonesa. Depois... tudo isso veiu a cair nas mãos dos *soviétes* e do "generalissimo" Kerensky. Não se pode formular hipótese plausível sobre o que se seguirá; em todo o caso, no momento actual o militarismo russo está morto e bem morto!

Passêmos à França, ora inimiga ora aliada dos russos e dos ingleses. Aqui vêmos uma evolução quasi oposta. Depois de ter sido nos tempos de Luís XIV, da primeira republica, e dos Napoleões, uma potência essencialmente militar, querendo mesmo ser árbitra da paz e da guerra no mundo, e intervir cavaleirescamente nas contendas politicas a favor dos fracos e oprimidos, ou dos que lhe convinha considerar como tais, (por exemplo, na independencia dos Estados Unidos, na unificação da Italia, etc.) tinha chegado ultimamente, como acima vimos, a ser o centro e o foco do anti-militarismo. Por um esforço sobrehumano, sómente dos seus filhos, que não dos que os governam, pôde erguer-se desse charco fatal, e de novo fazer refulgir bem alto e bem faiscante o gládio de Vercingetorix,

à sombra de uma bandeira tão gloriosa como a de Joana d'Arc, ao canto electrizante da Marselheza. Aqui, renasceu dominante o militarismo, e custa déveras a crer que a lição dos factos e dos sofrimentos recentes, em grande parte fruto das propagandas anti-militaristas, não venha a impôr durante longos anos, a conservação deste espírito que salvou a nação de um tremendissimo desastre.

E em Inglaterra? A nação que ha séculos era pacifista por excelência, que só no interesse do seu imperialismo e da sua expansão mercantil ía sustentado de vez em quando alguma guerra colonial, e que fiada na sua intangível força marítima se julgára desonerada para sempre dos encargos de manter um exercito! Agora a vemos, tendo tido de o criar, à custa de sacrificios sem conta, incluindo o da sua tão ciosamente defendida liberdade individual, que teve de se submeter à suprema renúncia de aceitar o serviço militar obrigatorio, não só nos misteres da tropa como até nos civis e industriais! Que imenso, profundo, incoercível militarismo invadiu e avassalou todo o império britânico! E aqui, não toi evidentemente por imposição cesarista de um dictador, de um chefe guerreiro: foi por consenso unânime — embora mais ou menos sugestionado — de toda a nação, da sua consciência colectiva. Alguem pode crêr que depois da guerra este espirito militar acabará? Pelo contrário: nunca mais, por dilatados anos ou séculos, a opinião publica em Inglaterra deixará de exigir dos governos a conservação de «um exercito, e forte» como já ha bastantes anos lhe íam aconselhando os entendidos, os verdadeiros patriotas, e que agora teve de fabricar à pressa, ao troar do canhão.

Finalmente surge na luta, com o fito patente de ser o árbitro da vitória, a grande e riquissima república norte-americana. Anunciam os seus estadistas, os seus industriais, os seus archi-milionários, um desabar, sôbre a Europa, de navios, de aeroplanos, de peças de artilharia às dezenas, às centenas de milhar, aos milhões. Mas primeiro que tudo foi lá tambem necessário criar o serviço do recrutamento. Foi preciso suscitar um entusiasmo guerreiro que levou logo milhões de homens a alistar-se. A glória de cravar vitoriosa a bandeira estrelada

nos territórios europeus, é almejada por todos os *yankees* como sendo neste momento a suprema ambição. A sua esquadra, outrora, declaradamente, apenas destinada a defender as suas costas marítimas, já desde Mac-Kinley tinha bem mais vastas ambições: dominar no Pacífico, não temer outro domínio no Atlântico. Agora é o seu exército que pretende e decerto conseguirá — se lhe derem tempo a isso — afirmar-se o mais poderoso do mundo, pois será êle quem terá decidido a contenda formidável.

Ao acabar a guerra separatista, quando as tropas federais tinham atingido o seu auge em número, e em perfeição militar, alguém perguntou ao presidente Lincoln: «E agora, para onde se volta êste belo exército? Para o Canadá, ou para o México?». Mas a resposta imediata do grande presidente foi: «Para as fábricas, para a lavoura!» e de facto o desarmamento dêsses soldados aguerridos e gloriosos foi logo iniciado e conduzido com vigor e rapidez. Se agora os Estados Unidos conseguissem ditar a paz na Europa, como se preparam a fazer, alguém supõe que um novo Lincoln seguirá o mesmo exemplo? E que depois de ter assim afirmado uma tamanha supremacia, a deixará cair no olvido, ou no desprêso? Só se o mundo deixar de ser mundo. Os Estados Unidos disfrutando já uma incontestada hegemonia nas Américas, almejando exercê-la a breve trêcho na Europa ou talvez na Ásia, sem preocupações financeiras, nem escrúpulos humanitários, hão de conservar e robustecer o seu exército de campanha, hão de se tornar por muito tempo ferozmente militaristas!

E ainda em tudo isto pômos de reserva, sem as considerar, a imediata e inevitável luta de rivalidades políticas ou comerciais que entre os próprios aliados de hoje hão de surgir fatalmente, sem demora, apenas de firmar a paz, apenas se iniciarem as negociações para ela! A entrada da União norte-americana nas contendidas europeas mais ainda há de avivar e tornar aguda e áspera essa aresta que os negociadores terão de encontrar no seu caminho. Não queremos agora, neste momento, levar tais reflexões ao seu extremo lógico: não seria oportuno, nem útil, nem talvez patriótico. . .

*

*

*

Não desaparecerá pois, tão cedo, o espírito militar. A profissão das armas ha de continuar, por muito tempo ainda, a ser tão necessária e tão útil, ou ainda mais, do que até aqui. A pátria não é uma palavra vã, uma reminiscência do passado. Ela tem de viver, tem de se defender, tem de merecer o amor dos seus filhos, e exigir-lhes o cumprimento dos deveres e das virtudes militares, únicos esteios a que em última análise ela se pode amparar; sem embargo de impor igualmente a todos o mais estrito respeito pelas leis civis e pelos deveres sociais.

Um exercito, e fortissimo; uma organização militar que preveja e possa realizar todas as necessidades da guerra; uma educação colectiva, da população em pêso, para todas as eventualidades da defeza, do ataque, do fabrico de munições, e do abastecimento; tais hão de ser os lemas inolvidáveis que tem de nortear ainda longos tempos os governos e os estadistas. Nenhumas garantias internacionais ou poderosas alianças poderão exonerar os pequenos Estados da imprescindivel necessidade de manter e de reforçar os seus exercitos. Uma nação tem como primeiro dever conservar a sua vida colectiva e perduravel atravez das sucessivas e efemeras gerações. Quanto mais poderosa ou mais rica, maiores serão sempre os ódios, as rivalidades que suscitará. E para lhes fazer frente, para os inutilisar eficazmente, nunca haverá senão o velho recurso do *si vis pacem para bellum*, emquanto os homens forem homens, ou pelo menos "emquanto" (como dizia o nosso grande româncista) "na almofada de cada trem de praça" — diríamos hoje, ao volante de cada automóvel — "se não sentar um Malebranche"!

O.

BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

Nova ofensiva victoriosa dos franceses sobre ambas as margens do Mosa.—O Mort-Homme e o alto de cota 304 reconquistados.— De 20 a 26 de Agosto.

Tendo, sobre a margem direita do Mosa, desafrontado Verdun da imediata pressão dos alemães, em Outubro e Dezembro de 1916; tendo depois, com maior ou menor exito, progredido um pouco sobre a margem esquerda em Julho de 1917, os franceses, para quem incontestavelmente passára, desde os fins daquele ano, a iniciativa dos movimentos ofensivos, vão agora realizar nova ofensiva, mas simultaneamente numa e noutra margem, sob a habil e firme direcção do general Guillaumat.

O comunicado oficial francês das 14 horas de 20 de Agosto chama a esta ofensiva — *nova batalha de Verdun*, e com razão assim qualificou oficialmente a importancia de uma operação que se desenvolveu sobre a quasi totalidade dos diferentes campos da batalha de Verdun em 1916 e na qual tomaram parte grandes efectivos, quer dum quer do outro lado.

A frente do ataque mediu uns 18 quilometros de extensão, desde o bosque de Avocourt, a O. e sobre a margem esquerda do Mosa, até N. de Bezonvaux, sobre a margem direita.

A linha donde as tropas francesas iniciaram a acção era balisada: a O. do Mosa pelas trincheiras do bosque de Avocourt, vertentes do alto de cota 304 e encostas S. do Mort-Homme; a E. do rio, partia das posições da crista do Poivre, planalto de Louvemont, Chambrettes e esporão de Bezonvaux.

Tomaram parte na acção: a celebre divisão marroquina, e

¹ Continuado de pags. 747, *Revista Militar*, n.º 11 de 1917.

as divisões n.^{os} 31-42-165-25-26-123 e 126 (estas duas ultimas constituindo o XIII corpo de exercito) e ainda, desde a tarde do dia 20, a 14.^a, as quais tinham à sua frente, entre outros, os generais Philipot, de Fonclare, Franiatte, Caron, sob a direcção superior do general Guillaumat, comandante do 2.^o exercito francês — Verdun.



GENERAL GUILLAUMAT ¹

Comandante do exercito de Verdun

Afirma-se que os alemães reforçaram as suas tropas da primeira linha com 5 divisões de reserva e que dispuzeram de 400 bocas de fogo de grandes calibres.

¹ O general Guillaumat comanda o 2.^o exercito francês, o exercito de Verdun, desde Dezembro de 1916.

Entre as divisões alemãs empenhadas, sabe-se que figuraram a 6.^a divisão de reserva (Brandeburgo) e a 25.^a de reserva (Hesse).

Depois de uma cuidadosa e violenta preparação pela artilharia de todos os calibres, a ofensiva foi iniciada ás 4^h,40^m da madrugada de 20 de Agosto, sob uma tenue neblina, a qual favoreceu a marcha para o assalto das posições alemãs, ocultando o avanço das tropas francesas.

Pelas 10 horas da manhã, depois de uma luta que, excepto junto da cota 304, não assumiu violencia extrema, os franceses tinham atingido os objectivos designados ás diferentes

Quando o general Nivelles, depois da victoria de Louvemont-Hardaumont, assumiu o comando em chefe dos exercitos franceses na frente ocidental, foi substituído em Verdun por um dos dois comandantes de corpos de exercito — 1.^o e 20.^o — que, em Fevereiro de 1916, tinham aguentado o rude e impetuoso ataque alemão. O comandante designado foi o do 1.^o corpo, general Guillaumat, sem duvida um dos mais distintos generais franceses e dos de mais honrosa biografia militar.

Ainda novo, pois nasceu em 1863, e tendo saído de Saint-Cyr classificado o primeiro do seu curso, em 1884, o general Guillaumat serviu muito tempo na Legião estrangeira. Depois de 3 anos de campanha no Tonquim, foi enviado em missão à China e teve a honra de comandar a guarnição da concessão francesa de Tien-Tsim desde os primeiros dias do ataque dos Boxers.

O seu procedimento e uma grave ferida que recebeu, valeram-lhe, aos 37 anos, o posto de major e a roseta de oficial da Legião de Honra.

Tendo regressado a França, alcançou o diploma de oficial do estado maior e exerceu depois o cargo de professor de tactica da infantaria na Escola de Guerra, adquirindo notoriedade as suas lições.

Exerceu ainda outras importantes comissões, como comandante do Prítaneu Militar de la Flèche (estabelecimento que corresponde ao nosso Collegio Militar), director da infantaria e chefe do gabinete de um dos Ministros da Guerra.

Foi já em plena campanha e no decurso de um dos primeiros exitos ofensivos dos franceses que, em Fevereiro de 1915, o general Guillaumat assumiu, na Champagne, o comando do 1.^o corpo de exercito, tendo estado antes successivamente à testa de duas divisões. Tomou parte activa na batalha do Marne, e nos violentos combates do Argonne, obtendo do general de Langle de Cary (comandante do 4.^o exercito francês) a seguinte elogiosa citação: "*Comandou energicamente uma divisão na Champagne e uma outra no Argonne em 1914-1915. Voltou a Champagne à frente de um corpo de exercito o qual, sob a sua direcção tal habil como firme, contribuiu brilhantemente para o exito dos ataques no inverno de 1915. Soube imprimir ás tropas sob as suas ordens uma impulsão vigorosa e torna-las aptas para a ofensiva.*"

divisões e alguns mesmo haviam sido ultrapassados, especialmente no bosque de Malancourt e no Mort-Homme.

Junto da cota 304, contudo, a acção continuava violenta e os franceses lutavam com serias dificuldades para progredirem.

Durante a tarde de 20, as tropas francesas ficaram de posse dos dois cumes do Mort-Homme, cotas 295 e 265, dos bosques de Corbeaux e de Cumières e da aldeia deste nome; a 25.^a divisão conquistára também as posições inimigas da parte S. do bosque de Avocourt e a 26.^a tomara as organizações alemãs entre o bosque de Malancourt e Hayette. Tal era o resul-

No começo da celebre batalha de Verdun, a missão desempenhada por esse corpo, o 1.^o, foi consagrada pela seguinte citação feita em Ordem do Exercito relativamente ao seu chefe, o general Guillaumat: *„Conduziu as suas tropas sobre a frente de Verdun num estado de notavel preparação. Em quanto a 2.^a divisão desenvolvia nos ataques e contra-ataques em que se empenhou uma energia digna do maior louvôr, a 1.^a divisão procedia, durante quarenta dias, a uma instalação metódica, debaixo da acção de um bombardeamento terrível, e repelia varios assaltos, sem deixar de proseguir na sua missão*”. E de facto essa organização defensiva foi feita pela 1.^a divisão por forma tal, que, ainda em Dezembro de 1916, para conquistar a crista do Alto do Poivre, uma divisão francesa partia das proprias trincheiras que o 1.^o corpo de exercito retomára e organisara em 26 de Fevereiro precedente, para o ataque.

Nessa zona da defesa de Verdun, a linha francesa nunca fraquejou.

Retirado do campo entrincheirado, o 1.^o corpo, com o general Guillaumat, foi colher novos louros junto do Somme. Durante 50 dias, na extrema esquerda da linha francesa e em ligação com o exercito inglês, a 1.^a e 2.^a divisões bateram-se com encarniçamento, conquistando gloriosos trofeus. O general Guillaumat foi então elevado à dignidade de Grande Oficial da Legião de Honra, com a seguinte honrosa citação: *„Comandante de corpo de exercito de grande valor, que se tem distinguido pela precisão metódica da preparação das offensivas e pelo vigor dos ataques, acaba de obter do seu corpo de exercito, num sector difficil, um esforço notavel e persistente que foi coroado por importantes triunfos*”.

Os ultimos exitos obtidos em Agosto de 1917 pelo 2.^o exercito francês em ambas as margens do Mosa, valeram ao general Guillaumat o seguinte louvor publicado em Ordem do Exercito pelo general Pétain, o actual comandante em chefe do exercito francês na frente ocidental: *„Preparou e dirigiu com superior competência as operações nas quais o 2.^o exercito, em dois dias de combate, conquistou as posições inimigas numa frente de 18 quilometros e levou as linhas francesas para Norte da cota 304 e do Mort-Homme, objectivos dos ataques alemães desde Março a Junho de 1916*”.

tado na margem esquerda do Mosa. A posição da cota 304, embora em poder dos alemães, ficára envolvida a O. e a E. pelas tropas francesas das 25.^a, 26.^a e 31.^a divisões.

A E. do rio, sobre a margem direita, depois da tomada successiva das aldeias de Champ, de Neuville e de Champneuville, e da crista de Talou, os franceses avançaram sobre as vertentes e crista das alturas da cota 344 que, de S. de Samogneux, se estendem na direcção do bosque de Caures, onde se ligam ás alturas de Beaumont.

Esta posição, que é de uma importancia tactica consideravel, tanto para a ofensiva como para a defensiva, porque domina, na direcção N., todas as vertentes occidentais das Alturas do Mosa, caíu tambem em poder dos franceses.

Ao mesmo tempo a quinta de Mormont, a N. de Louvemont, a maior parte dos bosques de Fosses e Le Chaume eram tambem conquistados aos alemães e os atacantes proseguiram victoriosamente até o alto da cota 240, a S. O. de Beaumont. Na tomada destas posições distinguiram-se especialmente as divisões n.^{os} 123 e 126 do XIII corpo de exercito.

O resto da tarde e noite de 20/21 foram empregados pelos franceses quer em organizar as posições conquistadas, quer em repelir os retornos ofensivos dos alemães, os quais foram desde logo dirigidos contra o Mort-Homme e cota 344 e repetidos em seguida em ambas as extremidades do campo de batalha, isto é nos bosques de Avocourt (margem esquerda) e de Caurières (margem direita).

Em toda a linha lograram os franceses rechaçar os ataques inimigos, infligindo perdas sangrentas aos adversarios e conseguindo manter as novas posições conquistadas.

Nas vertentes do Mort-Homme haviam os alemães aberto e organizado varias galerias subterraneas, verdadeiros tuneis, um dos quais a «galeria do Kronprinz» media 800 metros de extensão, com mais de 2^m de altura e cerca de 3^m na base, todo revestido de madeira e iluminado a luz electrica. Nessas galerias abrigavam-se varias unidades, entre as quais um batalhão do regimento da Landwehr n.^o 30, o regimento de infantaria 35, e outros.

A artilharia francesa no seu furioso bombardeamento destruiu as entradas das galerias e produziu nestas estragos de ordem tal que algumas, quando as tropas francesas as aborda-

ram, encontravam-se atulhadas de cadáveres alemães, convertidas em verdadeiras catacumbas.

Noutras, as guarnições surpreendidas foram intimadas a render-se, o que em geral fizeram prontamente, dizem os franceses, salvo uns ou outros grupos que ofereceram resistencia. Numerosos oficiais alemães foram ali aprisionados e entre eles os que constituíam o estado maior de uma grande unidade.

Sobre a margem direita, a crista de Talou e a posição da cota 344 formavam, por assim dizer, o centro dos objectivos a atingir e apresentavam a maior profundidade do campo de batalha a percorrer pelo atacante, cerca de tres quilometros. Os alemães haviam organizado sobre toda aquela crista uma série de obras defensivas muito proximas, mas que o intenso bombardeamento da artilharia francesa constrangeu a evacuar.

Para deter os atacantes, recorreram os alemães em larga escala ao emprego dos gazes asfixiantes.

Oficiais e soldados franceses viram-se assim na necessidade de executar o ataque com o rosto coberto pelas mascaras protectoras e desta forma progrediram cerca de tres quilometros, em menos de uma hora, os que assaltaram e tomaram a posição da cota 344.

Parece ter sido esta a primeira vez que, no decurso da actual guerra, pelo menos da parte dos franceses, foi executado um assalto indo as tropas mascaradas.

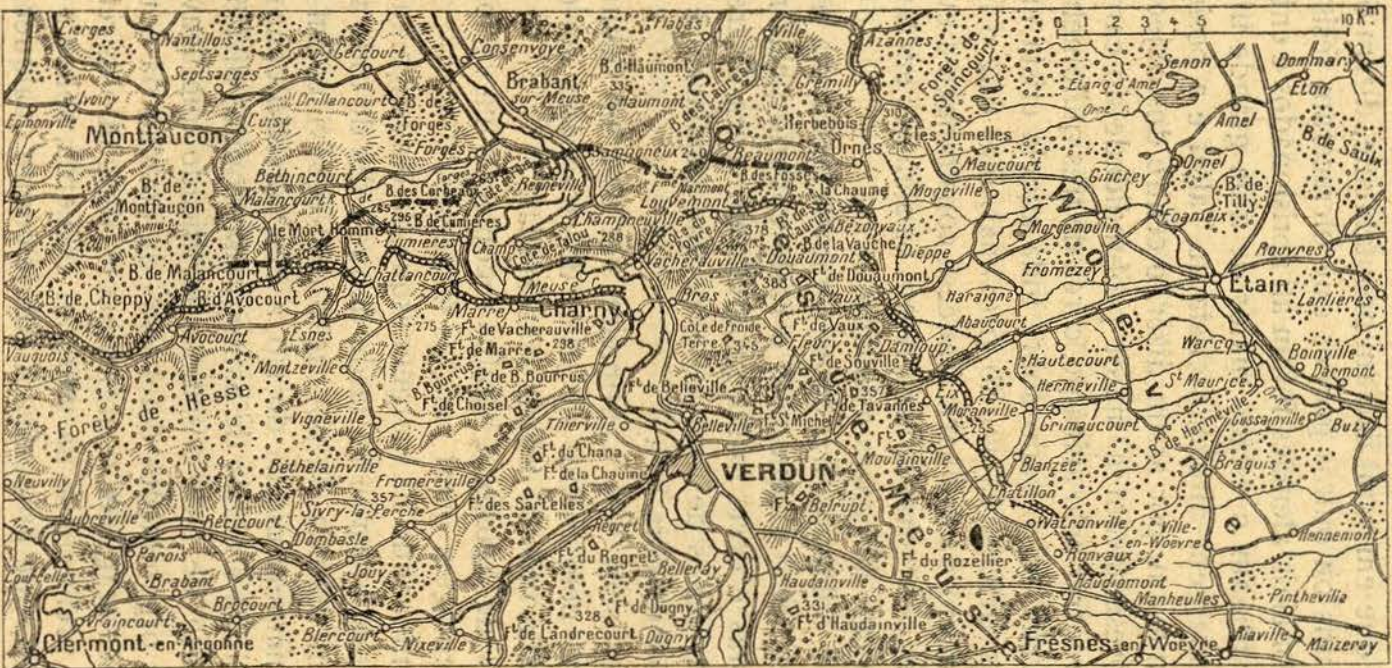
No dia 21 de Agosto, a batalha recomeçou em varios pontos e com vantagem geral para os franceses.

Estes, continuando na margem esquerda o avanço ao longo do Mosa, apoderaram-se na tarde daquele dia de toda a crista de Oie e em seguida da povoação de Régnéville. Em frente desta e na margem direita do rio, a 126.^a divisão conquistara durante a manhã a aldeia de Samogneux e outras divisões asenhoreavam-se de todo o sistema fortificado que ligava esta povoação ás organizações defensivas da posição da cota 344.

Os alemães reagiram energicamente, dirigindo os retornos ofensivos de preferencia, na margem esquerda, sobre o vale a E. da cota 304, que procuravam cobrir contra qualquer movimento envolvente e de revez que partisse do Mort-Homme, e na margem direita sobre as encostas proximas da cota 344.

Todos estes movimentos ofensivos foram infructiferos para os alemães, os quais não conseguiram arrancar das mãos dos

franceses as novas posições por estes conquistadas durante os dias 20 e 21.



Carta de região de Verdun

Com o traçado aproximado da frente francesa antes da ofensiva de 20 de Agosto e da frente atingida em 22 deste mês

Na noite de 21/22 as patrulhas francesas de reconhecimento conseguiram aproximar-se da aldeia de Forges, atingindo a ribeira deste nome.

Findo os dois dias da acção, os franceses, que afirmam terem experimentado perdas insignificantes, puderam já contar como trofeus da vitoria, além de importantes despojos materiais, 6.116 prisioneiros e entre eles 174 oficiais. A grande maioria destes prisioneiros foi feita nas posições da margem esquerda do Mosa.

Os dias 22 e 23 foram consagrados à organização das posições tomadas e à preparação da operação decisiva destinada à reconquista do cubiçado alto de cota 304, cuja posse tinha para os franceses subida importancia militar e moral.

Em 24 de Agosto, pelas 4^h,50^m da madrugada, os soldados da 26.^a divisão francesa retomaram a ofensiva, com o impeto habitual, avançando contra os entrincheiramentos que os alemães guarneciam entre o bosque de Avocourt e o Mort-Homme.

Num impulso irresistivel, a 5.^a brigada de infantaria assenhoreou-se finalmente do célebre alto de cota 304, enquanto o resto da divisão se apoderava do bosque Camard e, proseguindo para N., conquistava uma série de obras de fortificação sôbre as encostas que descem para a ribeira de Forges, attingindo por fim a margem S. desta, entre Haucourt e Béthincourt.

Afirmam os franceses que a acção, conduzida muito rapidamente, apenas lhes custou perdas mínimas; por outro lado os alemães sustentaram ter simplesmente opôsto um simulacro de resistência, porquanto haviam já retirado da posição da cota 304 a quasi totalidade da guarnição, ameaçada de ser tomada de revez depois da perda do Mort-Homme e do bosque de Avocourt.

De facto, o número de prisioneiros alemães feitos na disputada cota 304, pouco mais de 100 homens, torna verosimil essa afirmação.

Ao mesmo tempo que era atacada a cota 304, partia uma vigorosa ofensiva do lado do Mort-Homme, e os franceses, progredindo para N., dilatavam as respectivas posições numa profundidade de cêrca de um quilómetro.

Ainda na noite de 24/25 e continuando o avanço, os franceses lograram apoderar-se de três obras de fortificação a S. de Béthincourt, recolhendo no decurso destas 24 horas de cômboate mais 450 prisioneiros alemães.

Na manhã do dia 26, os postos avançados franceses fica

vam definitivamente estabelecidos ao longo da margem S. da ribeira de Forges.

Sobre a margem direita, ainda não haviam sido completamente atingidos todos os objectivos a que visava a ofensiva planeada pelo general Guillaumat.

A acção nos dias 20 a 22 levava a primeira linha francesa além de Samogneux e da cota 344, mas os alemães dominavam ainda o planalto e a aldeia de Beaumont, assim como uma parte do bosque de Fosses, posições incluídas naqueles objectivos.

A nova acção para a posse de tais posições foi travada no dia 26, depois de violenta preparação pela artilharia, a qual durou toda a noite de 25/26.

O ataque, em que tomou parte importante a divisão n.º 165, foi executado entre a quinta Mormont e o bosque Le Chaume e teve um êxito completo, a despeito da encarniçada resistência oposta pelos alemães. As linhas de defesa destes foram rotas e tomadas numa extensão de 4 quilómetros de frente por 1 de profundidade.

Todo o bosque de Fosses e o de Beaumont caíram em poder dos franceses, que se estabeleceram na orla S. da aldeia de Beaumont.

Na tarde e noite desse dia 26, os alemães tentaram em vão recuperar o terreno perdido, contra atacando violentamente e por várias vezes.

Os franceses mantiveram não só as posições tomadas, como fizeram também mais 1.100 prisioneiros.

A partir do dia 27, o mau tempo acentuou-se por fórma tal que toda a acção da infantaria se tornou impossível e a refrega em torno de Verdun reduziu-se por alguns dias ao habitual duelo das artilharias.

Como resultados da vitória obtida desde 20 a 26 de Agosto, accusam os franceses o aniquilamento de, pelo menos, três divisões inimigas e em especial da 6.ª de reserva—recrutada entre os brandeburgueses— a qual só em prisioneiros perdeu 2.794 praças e 69 oficiais, além de numerosos mortos e feridos.

O total dos prisioneiros feitos pelos franceses elevou-se a mais de 8.000 homens, e entre os despojos foram contadas 24 peças de todos os calibres, mais de 200 metralhadoras e ainda 74 aviões inimigos abatidos,

Como efeito moral de subida importância, avulta o novo recuo dos alemães, que colocou definitivamente a cidade de Verdun a coberto de qualquer novo insulto dos canhões inimigos.

No dia 29 de Agosto, o Presidente da República Francesa dirigia-se mais uma vez a Verdun, a fim de fazer entrega ao general Pétain, actual comandante em chefe dos exércitos franceses do Norte e do Nordeste, das insígnias de grã-cruz da Legião de Honra, condecorar outros generais e passar em revista vários batalhões que representavam as grandes unidades do 2.º exército que haviam tomado parte nas operações dos dias 20 a 26.

Junto das muralhas da cidadela de Verdun e em presença das bandeiras e das delegações das unidades do 2.º exército, o Presidente Poincaré fez entrega ao general Pétain das insígnias, cuja concessão fora publicada no Jornal Oficial de 25 de Agosto, nos termos seguintes:

«É inscrito no quadro da Legião de Honra e elevado á dignidade de grã-cruz o oficial-general cujo nome segue :

«Henrique Filipe Benomi Omer Joseph Pétain, general de divisão, comandante dos exércitos do Norte e do Nordeste : oficial general do mais subido valor, cujas raras qualidades se têm afirmado no alto comando em chefe dos exércitos do Norte e do Nordeste. Defendeu e salvou Verdun».

A entrega das insígnias foi acompanhada de um eloquente e patriótico discurso do Presidente Poincaré, dirigido ao general Pétain.

Antes da revista e desfile dos batalhões e em frente das 27 bandeiras regimentais e 2 guiões que aqueles acompanhavam e escoltavam, o Presidente condecorou ainda com o grau de grande oficial da Legião de Honra o general de Fonclare, comandante do 15.º corpo de exército, e com o de comendador os generais Martin, comandante da 31.ª divisão, e Franiatte, comandante da artilharia do 2.º exército.

Na tarde dêsse mesmo dia, o Presidente e o Ministro da Guerra, Painlevé, visitaram as posições recémconquistadas pelas tropas do general Guillaumat em ambas as margens do Mosa.

Ao passo que o chefe do Estado recompensava o general Pétain, éste por sua vez louvava em Ordem do Exército o general Guillaumat nos seguintes honrosos termos:

«Preparou e dirigiu com superior competência as operações nas quais o 2.º exército, em dois dias de combate, conquistou as posições inimigas numa frente de 18 quilometros e levou as linhas francesas para Norte da cota 304 e do Mort-Homme, objectivos dos ataques alemães desde Março a Junho de 1916».

O general comandante em chefe louvou também na mesma Ordem todo o estado maior do 2.º exército francês, numa longa citação redigida nos termos mais elogiosos.

Do fim de Agosto a 30 de Setembro.—Os franceses reconquistam mais terreno na margem direita do Mosa

O mau tempo, que desde 27 de Agosto começara a acentuar-se, fez paralizar todas as operações da infantaria.

Até 7 de Setembro e em ambas as margens do Mosa, os adversários limitaram-se ao canhoneio mais ou menos violento da artilharia.

Na manhã do dia 8, os franceses iniciaram nova ofensiva sobre a margem direita do rio.

Uma divisão, do comando do general Monroe e pertencente ao 32.º corpo de exército (general Passaga) e a divisão n.º 128, do comando do general Riberpray, empenharam-se numa operação que tinha por fim melhorar as posições francesas a E. de Beaumont, pela ocupação das testas das ravinas que descem para a planície do Woëvre, assim como pela do planalto marcado pela cota 351, um dos bons observatórios das Alturas do Mosa.

As tropas francesas atacaram impetuosamente as linhas inimigas numa extensão de 2 1/2 quilómetros, entre a aldeia de Beaumont e Bezonvaux, conseguiram ganhar terreno a N. do bosque de Fosses, conquistaram todo o bosque Le Chaume (128.ª divisão) e tomaram em seguida a crista a N. do bosque de Caurières, ligando assim as novas posições com a antiga, junto de Bezonvaux.

Ficaram dêste modo dominando a 1.200 metros de distância as casas da vila de Ornes e aproximaram-se de uma poderosa organização defensiva alemã estabelecida sôbre uma dupla colina destacada das Alturas do Mosa.

A acção rendeu aos franceses 800 prisioneiros alemães.

Durante a noite de 8/9 e no dia 9 reagiram os alemães violentamente, executando enérgicos retornos-ofensivos quer para reconquistarem o terreno perdido, quer ainda para se reapoderarem da importante posição da cota 344.

As suas vagas de assalto foram em geral repelidas pelo intenso fogo dos franceses; algumas fracções, porém, que ainda conseguiram penetrar nas trincheiras contrárias foram delas expulsas prontamente.

A divisão francesa n.º 128, que se distinguiu notavelmente nos dois dias, perdeu o seu general Riberpray, morto no campo da acção.

Durante o dia 10 e de ambos os lados o canhão troou nesta região, mas a infantaria não se empenhou na luta.

No dia 11 e seguintes o canhoneio diminuiu bastante de intensidade.

Em 16 voltaram os alemães à carga contra o bosque de Caurières, mas o ataque foi repellido.

Dias depois, em 24, nova ofensiva alemã, de maior importância. Depois de violento bombardeamento, quatro batalhões apoiados por tropas especiais de assalto, atacaram as trincheiras francesas a N. do bosque Le Chaume numa extensão de cêrca de 2 quilometros. No mesmo momento desencadeavam-se outros dois ataques, a N. de Bezonvaux e a S.E. de Beaumont.

Apezar do habitual ardôr desenvolvido pelas tropas alemãs, os seus esforços para romperem as linhas francesas foram anulados, e, não obstante terem voltado por segunda vez à carga, viram-se repelidas com fortes perdas.

Em 27 de Setembro, os alemães denunciaram propósitos agressivos na região de Beaumont.

Nos dias seguintes a acção da artilharia tomou uma intensidade crescente, pronuncio certo de nova ofensiva.

Esta produziu-se com efeito, originando combates de infantaria em ambas as margens; na esquerda no sector de Forges; na direita no bosque Le Chaume, próximo de Bezonvaux

e ainda no sector de Beaumont. Nenhuma alteração nas linhas francesas produziram tais ataques.

Até 30 de Setembro não houve mais nenhuma acção de infantaria.

*
* *

Afim de bem acentuar a grandeza do serviço prestado à causa comum dos aliados pelos vencedores de Verdun, explicam os franceses, o soberano belga, Alberto I, quis pessoalmente passá-los em revista, apresentar-lhes o testemunho da sua admiração e conferir a alguns dos oficiais e soldados franceses a cruz da ordem de Leopoldo I, a medalha militar e a cruz de guerra belgas.

Essa revista realizou-se na manhã de 22 de Setembro, no mesmo local em que no mês de Agosto fôra efectuada pelo Presidente Poincaré, que agora acompanhava o rei.

Todas as divisões que tomáram parte nas operações de Agosto e Setembro, se fizeram representar por um batalhão; estavam presentes 20 bandeiras regimentais e ainda 1 da aviação e aerostação, confiada à aeronautica do 2.^o exército.

Antes da revista, o Presidente Poincaré conferiu a medalha militar ao general de Castelnau, perante quem foi lido o mais brilhante louvor, resumo dos insignes serviços prestados à sua Pátria pelo eminente general, colaborador do marechal Joffre, defensor de Grand-Couronné e salvador de Nancy, medalha a que o rei Alberto acrescentou logo a medalha militar belga.

Sucessivamente, o rei agraciou vários generais franceses, entre êles Guillaumat, oficiais de várias patentes e até simples soldados.

A revista realizou-se em seguida e ao terminar a marcha em continência, informado de que um avião do 2.^o exército acabava de abater um avião alemão que surgira sobre o próprio campo da revista, o rei Alberto condecorou imediatamente com uma cruz belga o chefe da respectiva esquadilha.

Decorridos apenas cinco dias, nova revista e nova distribuição de condecorações aos heróis de Verdun. Era o rei de Italia, que na sua visita à frente francesa, sucedia ao rei Alberto. Agora, porém, estavam reunidas todas as bandeiras das unidades do 2.^o exército, não menos de 61, entre elas a do 3.^o

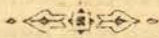
de zuavos, regimento de que outróra, por ocasião da campanha de 1859 e depois da batalha de Palestro, o rei Victor-Manuel, avô do actual soberano de Italia, fôra nomeado *cabo* pelos próprios zuavos, e de que Victor-Manuel III usa agora o cordão verde e vermelho (la fourragère), distinção concedida a esse e outros corpos franceses, quer por notáveis feitos de guerra, quer pela tomada de bandeiras inimigas.

A bandeira do 3.º de zuavos foi agraciada por Victor-Manuel III, com a medalha de prata do Valor Militar. Por uma delicada atenção dos franceses, essa bandeira foi apresentada ao rei pelo general Patricio de Mac-Mahon, duque de Magenta e filho do grande marechal francês, vencedor desta batalha em 4 de Junho de 1859.

O general Guillaumat recebeu a grã-cruz da Corôa de Italia e o general Corvisart as insignias de comendador da ordem do Valor Militar. Finalmente, e como testemunho de subido apreço, o rei entregou ao general Pétain as insignias da Ordem Militar de Saboia, a qual só por três vezes tem sido conferida no decurso da presente guerra.

(*Continúa*).

P. S.



A HIGIENE NA GUERRA

Na idade média, dizia-se vulgarmente, que a *guerra e a peste eram duas companheiras inseparáveis*. Havia nessa asserção, homologada pela sabedoria popular, um quê de verdade.

De facto, nos exércitos medievais era absoluta a ausência de recursos sanitários aos que tombavam feridos na acção; nenhuma precaução se tomava para evitar o contágio nessas grandes massas de homens que marchavam às batalhas ou se aglomeravam nos acampamentos ou assédios.

As moléstias epidêmicas grassavam com grande intensidade, imolando inúmeras vítimas. A peste era a enfermidade mais terrível e que mais número de contágios produzia.

Durante as cruzadas ela determinou mais baixas, do que os ferimentos, as contusões e os traumatismos produzidos pelas lanças, cimitarras e massas d'armas.

Quando se não manifestava concorrentemente com a guerra, explodia, irrompia logo após, de um modo assombroso, devastando, dizimando os exércitos em conflicto: assolando, infectando todas as localidades palmilhadas por êsses males guerreiros.

Quasi sempre nas cidades sitiadas ao flagelo da peste se associava a fome.

Até às primeiras décadas do século XVIII, a peste foi na Europa a *companheira natural* dos exercitos. Depois refugion-se no Oriente irrompendo no Egito e na Asia, na cauda do exército napoleónico, em 1799. O célebre quadro do Barão de Gross, representando Bonaparte em visita aos pestíferos de Jaffa, immortalizou, por assim dizer na tela os horrores dessa temerária expedição.

Mas, quais eram os profiláticos uzados naquela época para prevenir, evitar, combater e eliminar êsses contágios que dizimavam em dias os exércitos por melhor aparelhados que fôsem?

Nenhuns!

Como se não alastrariam, se propagariam as moléstias contagiosas e epidêmicas, se reinavam a maior incúria, desleixo e abandono dos mais elementares preceitos higiênicos; se os feridos e mortos jaziam em promiscuidade nos campos de batalha entregues ao seu próprio destino? Ninguém cogitava em pensar e curar os feridos. Até às campanhas napoleônicas, não havia serviço sanitário militarmente organizado, nem sequer ambulâncias e postos médicos; tudo corria à mercê do imprevisto.

Se os doentes podiam esperar pelos cuidados cirúrgicos, então preconizados e postos em prática pelos drs. Percy e Larrey, tanto melhor para êles; do contrário ficavam nos campos de batalha em completo abandono.

Pode-se afirmar que, salvo raríssimas excepções, em todas as guerras ocorridas no decurso dos seculos passados até à actual conflagração europeia, as enfermidades de toda a espécie determinaram maior número de obitos do que as armas dos adversários.

Os factos históricos irão provar à saciedade o que acabamos de afirmar. Um dos exemplos mais característicos, mais concludentes na História, encontra-se na primeira invasão prussiana em França. O célebre general von Brunswick, marchou em 1772, à frente de tropas sádias, excelentes, sem cuidar, porém, de medidas higiênicas contra os males que assolavam os exércitos, males êsses por demais conhecidos. O calôr era abafadiço, pesado, terrível; ao exército prussiano faltava o principal elemento — a agua. Ao atravessar a região de Champagne, os soldados precipitaram-se sôbre os vinhedos e mitigaram a sêde nas uvas verdes.

Uma terrível disenteria sobreveio, a *diarrêa vermelha* como chamavam os alemães. E, à glutonia, à gulodice, sucederam-se os casos fatais; os soldados caíam como moscas atraídas por uma substância toxica.

Arthur Chuguet, em seu belo livro sôbre a *Retirada do duque de Brunswick* assevera que «as localidades por onde o exército prussiano transitára, apresentavam o mais desolador e tétrico aspecto; por toda a parte a *diarrêa vermelha* fazia mais vítimas que todos os canhões reunidos na altura de Valmy».

Coisa semelhante ocorreu com a colera na Crimeia. O mal

levantino irrompeu, alastrando-se de preferência nos exércitos franco-ingleses, vitimando os dois chefes, general Saint Arnaud e lord Reglan e reduzindo a farrapos a divisão francesa Canrobert.

E' facto incontestável que o principal factor da mortalidade, factor positivo, constante, permanente de todas as guerras do mundo, é a falta de hygiene, a ausência absoluta dos preceitos profiláticos, o abandono injustificável, criminoso mesmo dos feridos e doentes.

Se houver quem nutra dúvidas ou vacile em aceitar os factos tais como foram sumariamente descritos, então para convencê-lo, desceremos ao terreno dos algarismos. Nada mais convincente que a lógica dos números.

Durante a guerra austro-prussiana de 1866, pelos hospitais prussianos passaram centenas de doentes: destes, 16:782 faleceram por ferimentos produzidos em combate, 63:000 de enfermidades diversas.

Na desastrada e infeliz campanha do México, os franceses tiveram 6:700 baixas, das quais 5:000 foram produtos de febres de carácter pernicioso ou tífico.

Na guerra franco-prussiana de 1870-71, os franceses hospitalizaram 465:000 homens, sendo 137:000 por ferimentos em combate e 328 por enfermidades diversas.

Na turco-russa de 1877-78, os russos bateram o *record*... 1.006:322 doentes recolhidos nos hospitais por moléstias diversas e 56:905 entre mortos e feridos nos campos de batalha. Nas guerras coloniais, as baixas por doenças foram sempre elevadas; sendo a disenteria e as febres tíficas as causas predominantes.

As batalhas e os combates das guerras passadas apresentaram-se sempre menos mortíferos do que as enfermidades que assolavam os exércitos em campanha.

E se, porventura, em algumas campanhas mais recentes, êsses dados como que contradizem a verdade, é devido ao melhor aparelhamento das expedições militares, tanto sobre o ponto de vista militar, como sanitário e higiênico.

Gandolphe, cita como modelo destas campanhas em matéria de hygiene, a do Sudão em 1884: «Os soldados conduziam apenas sobre o seu fardamento de flanela, que a cada etape de marcha era sêco ao lume, a espingarda, os cartuchos,

um filtro individual e uma ração diária de quinino e cacau.

Não mui distante de Sohakins, havia embarcações ancoradas com aparelhos distiladores e outros para o fabrico de gelo e aguas gazeificadas, barracas especiais, etc. O resultado obtido excedeu toda a expectativa; entre 7:235 homens, apenas ocorreram 16 baixas em três meses. Mas essa guerra confortável custou tantos esforços e dinheiro, que o govêrno inglês se viu obrigado, por ocasião da campanha do Transvaal, a reduzir êsse luxo a proporções mais modestas».

Os japoneses, na sua guerra contra a Rússia, deram ao mundo um maravilhoso exemplo de previsão em matéria de serviços sanitários em seus exércitos.

Tinham grandes reservas de medicamentos de primeira necessidade, das quais fizeram larga distribuição às tropas: cada soldado conduzia uma caixinha de pilulas de creosote para seu uso (duas por dia), no intuito de trazerem os intestinos desembaraçados e desinfectados contra a disenteria e as demais infecções gastro-intestinais.

No início da campanha, o govêrno nipónico fez distribuir às tropas, individualmente a cada soldado, um pequeno opusculo contendo, em termos claros e concisos, as linhas gerais de higiene do soldado em campanha. Graças a êsses cuidados e precauções, as baixas por enfermidades foram menores que as determinadas por armas de fogo ou armas brancas.

A um médico estrangeiro, que calorosamente felicitava um general japonês, pelos resultados obtidos em matéria de higiene e profilaxia, êste respondeu: «Assim como nós somos rigorosos em matéria de disciplina, não vacilando em declarar aos nossos soldados que, em casos graves, incorrerão em pena de morte; assim também lhes ensinamos e administramos com carinho todos os meios para lhes preservar a vida».

Assim, pois, o Japão perdeu na campanha russo-japonesa apenas 80.378 homens; dêsses, 21.802 faleceram por enfermidades diversas e 11.427 por infecções e feridas.

Não obstante, às fadigas da campanha e às temperaturas glaciais da Mandchuria, foi esta uma das guerras em que as moléstias produziram menos baixas nas fileiras que os projecteis em campos de batalha; 25 % sôbre o total dos soldados em acção, sucumbiram devido a enfermidades.

A causa dêsse decrescimento baseia-se nos cuidados, nas prescrições e medidas tomadas pela alta administração do Exército, no que diz respeito aos serviços sanitários, à disciplina higiênica imposta aos soldados.

A negligência, e o descanso em relação aos cuidados higiênicos são comuns nos exércitos de outrora, causa determinante de tantas baixas por enfermidades. A responsabilidade deve recair exclusivamente sôbre as administrações militares.

Os médicos deploravam-os, e muitos empregaram os maiores esforços, para os debelar, ou pelo menos atenuá-los dentro dos poucos recursos ao seu alcance.

Le Temps publicara há pouco um resumo dos preceitos higiênicos que um médico militar suíço, João de Muralt, formulara em 1712 para os exércitos em campanha.

Esse médico aconselhava que se «devia evitar acampar em terrenos pantanosos, de onde se respiravam vapores mefíticos e a água fôsse impura»; preconizava o capote, o cobertor e meias de sobrelente, bem sêcas, para resguardar o soldado do frio e da humidade; recomendava que o soldado «não bebesse agua fria estando transpirando ou cansado: e caso a bebesse não permanecesse inerte, inactivo, fizesse logo em seguida um exercício moderado».

João de Muralt era entusiasta do fumo e dizia que «era preciso abonar ao soldado uma forte ração de tabaco».

O fumo, em sua opinião, «expele o veneno do sangue, desenvolvendo a fluidez que o frio restringe; além disso, é um poderoso preservativo contra todos os contágios».

O médico de Nimégue, no século XVI, afirmava que «puderam resistir a uma terrível epidemia, que assolara essa cidade, pelo uso constante do cachimbo quando visitava os seus doentes».

O médico suíço recomendava igualmente os banhos duches e formulava preceitos e regras para a confecção de barracas ou tendas, de modo a preservá-las da humidade, do vento, do frio, do calor, das tempestades e dos inúmeros males que assaltam o soldado em campanha».

Os seus conselhos e as suas instruções eram excelentes. Foram postos em prática? É pouco provavel.

Se foram, dentro em pouco tempo caíram em completo esquecimento, porquanto até à presente guerra todas essas

questões de previsão médica e higiene geral não mais preocupavam a atenção das administrações militares.

Mesmo ao iniciar-se as operações militares da actual conflagração, esses preceitos estavam inteiramente descuidados. A necessidade, porém, gerou o órgão.

Compreendeu-se, enfim, que era preciso defender-se não só contra as enfermidades, lançando mão de uma higiene apropriada, como subtrair-se à acção do fogo inimigo construindo trincheiras e abrigos subterrâneos.

Justiça se faça aos corpos médicos dos exércitos modernos, que se dedicam com mais amor e carinho às questões de higiene e profilaxia que os seus antepassados.

As medidas tomadas evitaram todos os contágios possíveis e mesmo suprimiram a maior parte das causas de enfermidades.

De uma excelente conferência, sólida e ricamente documentada, do Dr. Carnus em França sobre «Um dia de medicina na frente ocidental» extraímos o seguinte tópico: «A enfermidade é rara, constituindo mesmo uma excepção. A maior parte dos nossos artríticos, dispépticos, bronquíticos e neurasténicos parece ter encontrado *na frente* com a actividade, a higiene e a vida ao ar livre, preciosos agentes terapeuticos à sua cura».

O médico atribue o lisonjeiro estado sanitário das tropas francesas às medidas higiénicas tomadas pelo respectivo corpo de saúde.

Mais adiante, enumerando essas medidas de precaução acrescenta: «Na trincheira os detritos, as impurezas e os resíduos de quaisquer espécies desaparecem pela cremação; as localidades malsinas ou contaminadas são desinfectadas a banhos de formol e outros antisépticos, empregando-se a cal em grande quantidade».

«Esta higiene de trincheiras é rigorosamente observada nos acantonamentos á rectaguarda. Aí, não só as localidades como os homens são submetidos a metódicas desinfecções. A água é escrupulosamente examinada e, ao menor indício de impureza, completamente esterilizada. Á antiquada acetificação empregada pelos exércitos de outras épocas, sucederam processos mais aperfeiçoados e mais enérgicos».

As duches que os soldados recebem nas trincheiras são completadas por banhos que os preservam de toda a especie de parasitas.

Tudo isto se improvisa muito engenhosamente com o auxílio de baldes suspensos das árvores, tendo o fundo crivado de orifícios. Uma válvula ou tampão de madeira adaptado ao fundo eleva-se ou abaixa-se mediante um cordão, deixando cair ou suspendendo a água sobre a cabeça do soldado; emfim, um chuveiro improvisado. No acampamento procede-se à dragagem para o escoamento das águas e constroem-se fornos para cremação das imundícies».

Com estas medidas de higiene geral, com estas precauções profilacticas impostas aos exércitos pelos serviços sanitários tem-se conseguido debelar, evitar e mesmo jugular as epidemias, tais como: a febre tifoide, a cólera, a desinteria, a varíola, a meningite cérebro-espinal e outras.

Como bem pondera o Dr. Carnus, as enfermidades correntes são raras, rarissimas mesmo; a vida actual curou os artríticos, neurasténicos, etc., que existiam antes da guerra.

Se a arte de matar passou por transformações extraordinárias, sempre progressivas, é lícito confessar que a de reparar os males da guerra, de conservar aos feridos os membros lesados, de manter sempre em equilíbrio a saúde dos soldados, atenuando, removendo e mesmo eliminando as enfermidades e os contágios, igualmente evoluiu de um modo notavel.

Há entre esses progressos, essas evoluções um tal ou qual equilíbrio de parte a parte.

(Traduzido do *El Mundo Militar*, por R.)

Notas de origem britânica sôbre a guerra

Os apontamentos seguintes a respeito da guerra nas últimas semanas são compiladas dos telegramas oficiais e de cartas.

A pressão exercida pelas tropas britânicas na Flandres faz-se sentir em muitas direcções.

O descontentamento é manifesto entre os alemães, tanto na classe civil como na marinha, a julgar pelas notícias dos jornais.

O inimigo iniciou na frente oriental uma operação a qual provavelmente levará a cabo com algum êxito em consequência do estado de perturbação em que se encontra a Rússia e que se traduz em confusão e desorganização no seu exército.

Com o auxílio da esquadra têm sido executadas com êxito operações no golfo de Riga. O primeiro objectivo parece ser Reval. É possível que o inimigo consiga apoderar-se desta localidade durante as semanas próximas, mas para isso é preciso que o estado do tempo lho permita.

Mais ao sul regista-se uma concentração inimiga nas proximidades de Cernowitz, onde as operações são possíveis durante mais um mês do que no norte. São pois de esperar ulteriores acontecimentos nesta direcção, a não ser que as tropas tenham sido transferidas para a frente italiana.

O exército romeno experimentará provavelmente os efeitos das desordens russas, e decerto não para lhe aumentarem o valor combativo.

¹ O presente artigo, de que é autor o sr. major Swan, da missão militar britânica que ha tempos se acha entre nós, foi mandado a esta *Revista* em inglês e aqui traduzido.

A imprensa diária diz que o governo russo vai em breve ser transferido para Moscow, parecendo que a população civil assiste ao desenrolar dos acontecimentos com indiferença. Os elementos desordeiros dominam em geral, e necessita-se dum chefe que tenha o prestígio e a força necessária para os varrer. A Rússia tem por vezes experimentado rápidas mudanças, e a reacção também agora se pode dar dum momento para o outro. Diz-se nesse país que, mercê da sua resistência, um grande número de divisões inimigas teem sido imobilizadas na sua fronteira, e há manifestos sinais de melhoria de situação. Enquanto a disciplina não fôr restabelecida nada se pode esperar dela. Seja, porém, como fôr, a possibilidade de o auxílio da Rússia ser impossível foi previsto e tomaram-se as medidas necessárias para essa hipótese.

Em consequência do enfraquecimento da pressão na frente oriental, os austriacos puderam reunir forças consideráveis na frente italiana, para onde parece terem também sido mandadas divisões alemãs. Toda a linha italiana a leste de Isonzo foi torneada, obrigando as forças italianas a retirarem para o Tagliamento, onde, reforçadas pelos seus aliados, decerto oferecerão uma firme resistência. É possível que as tropas austriacas que estavam concentradas contra o sul da linha russa, próximo de Cernowitz, tenham sido transferidas para esta frente, mas o número das divisões alemãs que tomam parte na ofensiva não parece ser grande.

Conviria muito à Alemanha que os aliados diminuíssem a pressão em França e na Belgica para socorrer a Itália. Todavia os efectivos reunidos em França permitem aos aliados continuar a pressão e também reforçar aquele país. Esta ofensiva, da parte dos impérios centrais, mostra quanto elles sentem a pressão na frente britânico-francesa.

Os jornais dizem também que as tropas dos Estados Unidos da América estão actualmente nas trincheiras de França.

Por outro lado êxitos notáveis teem sido assinalados em Flandres e na frente de Laon.

Da importância do terreno conquistado pelas tropas britânicas em Flandres pode ajuizar-se à vista do mapa. Se outras provas da sua importância fôsem necessárias, te-las-íamos nos desesperados contra-ataques feitos pelos alemães no intento de reconquistarem o terreno perdido.

Ha uma crista em semicirculo e rodeando Ypres, que começa em Clercken e é representada aproximadamente pelas aldeias de Stadenberg, Westrosebeke, Broodseind, Veldhoek, Hollebeke, Chateau, Wytschaete e Messines. Esta posição domina uma grande extensao de terreno plano para o lado do oriente. A maior parte desta linha está agora nas mãos das tropas britânico-francesas. O tempo, que é um importante factor, tem infelizmente sido muito desfavoravel para movimentos nesta area, mas não obstante essa contrariedade, algumas operações teem sido e estão sendo executadas com êxito. Grande número de prisioneiros teem sido feitos e importantes perdas teem sido infligidas ao inimigo.

O recente êxito francês foi de grande importância, de que só se pode ajuizar bem à vista do mapa. O terreno elevado que se conquistou permite as vistas sôbre o vale do Aillete até Laon.

A distância do ponto mais adeantado do avanço francês perto de Chagvignon até o centro de Laon anda por 12 quilômetros.

Além do mais, teve esta progressão também o efeito de evitar que o inimigo possa observar directamente as antigas linhas francesas que eram perto de Jony e Laffaux.

Finalmente, há um outro avanço contra o flanco sul de Gobain, área inimiga muito bem fortificada.

O general Maude informa também que alcançou uma vitória contra as forças turcas em Ramadie, e encontra-se agora numa boa posição, quer para novo avanço quer para resistir a qualquer ataque. Ramadie era um depósito avançado dos turcos, donde podiam ameaçar o flanco esquerdo das forças britânicas. Estas estão actualmente senhoras do extremo sudoeste da serrania Jebel Hamrin, na margem direita do Diala, e de toda a serra da margem esquerda, o que lhes consolida o seu flanco direito.

Na Palestina, embora não tenha havido recentemente nenhum combate, o receio de operações ulteriores tem obrigado o inimigo a manter uma grande força naquela frente.

As dificuldades da Turquia aumentaram com uma desastrosa explosão que houve naquele país, em virtude da qual uma grande parte das 250.000 granadas de grande calibre muitos motores e muito material de caminho de ferro, que se destinavam à frente da Siria e da Pérsia, foram destruidos.

Tambem nos Balkans se tem progredido.

A comparação dos recursos dos aliados, em homens e material, com os dos seus inimigos mostra claramente as dificuldades a que os impérios centrais teem sido reduzidos. Sabe-se que alguns recrutas alemães da classe de 1919 teem sido chamados, e avalia-se em 18.000 as baixas, entre mortos e prisioneiros, que tem tido o corpo dos officiaes turcos, que eram 25.000.

Os aliados teem quasi ilimitados recursos em homens, especialmente nos Estados-Unidos da América, cujo exército se encontra já em estado avançado de preparação.

O bloqueio, agora mais efectivo, esgota as forças dos impérios centrais, ao passo que a campanha submarina não tem diminuido os nossos meios de suprir as tropas na Europa. De facto tem havido um enorme aumento na quantidade de material expedido por mar nos últimos meses e êsse aumento mantem-se.

A América, segundo consta, está construindo 20.000 aeroplanos.

Considerando o estado presente da Russia, é de justiça lembrar o grande papel que o exército russo desempenhou no principio da guerra. A invasão da Prussia oriental obrigou o alto comando alemão a enviar fortes reforços para aquela área e embora os russos fossem repellidos, a pressão alemã foi aliviada em França num momento crítico.

O inimigo tenta crear dissensões entre os aliados. Assim, procura fazer que em França e Inglaterra se invective a Russia pela sua falta de cooperação, com o que espera grave sentimento entre ela e os dois aludidos países.

A mesma política se revela quando agentes alemães pretendem persuadir a França de que a Inglaterra não se importa com a Alsacia-Lorena; e obedece aos mesmos fins de causar dissensões entre portugueses e ingleses a exploração da opinião não official de internacionalizar as colónias africanas.

É contra esta insidiosa campanha que todas as potências devem estar em guarda.

As nossas pretensões teem sido expostas com clareza e não admitem compromisso.

Os aliados terão pouco a ganhar nesta guerra em território ou comércio, mas muito haveria que perder se os prus-

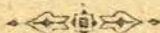
sianos viessem a impôr ao mundo a sua vontade, pois êste é o objectivo das chamadas potências centrais.

Se elas vencessem esta guerra, cedo ou tarde todos os estados do mundo seriam dominados pela autocracia prussiana. Não há ninguem que não conceba isto. Por outro lado, quando a ameaça prussiana fôr esmagada, a liberdade e a prosperidade das nações, tanto grandes como pequenas, será completamente assegurada.

Lisboa, 1-11-917.

W. E. SWAN.

Major



O NOSSO ESPORÇO MILITAR EM AFRICA

Decorridos vão já três anos que se iniciaram em Africa as hostilidades contra os alemães, ou com mais propriedade, que fomos atacados por surprêsa pelas forças de Sudoeste e Leste Africano.

Não estava ainda declarado o estado de guerra com a Alemanha e no emtanto nas margens do Cunene, no Cuangar, em Angola e em Maziúá, em Moçambique, já tinham sofrido as nossas forças o ataque brutal dos alemães, que calcando aos pés todas as prescrições do Direito Internacional, queriam aproveitar-se do nosso pequeno valor como potencia militar, para nos expoliam do que representava centenas de anos de poderio, de trabalhos, lutas e sacrificios.

Não conseguiram, porem, o seu intento!

Puderam em Naulila, infligir-nos perdas apreciaveis; puderam no Cuangar, abusando da hospitalidade até então recebida, massacrando, como o faria qualquer sóba indigena rebelde, as guarnições dos pequenos postos, deshonorando a farda de soldado de uma nação que pretende impôr aos outros a sua cultura e civilização; levando por deante, em Moçambique, em Maziúá façanha igual que a Historia apreciará como um acto de banditismo, operações estas que nem de guerra, se podem denominar; puderam fazer prisioneiros, alguns, poucos, officiais e praças do nosso exercito, conduzindo-os para as prisões de Damaraland, mas apesar de tudo, da sua força e grandesa não atingiram os eu objectivo, ocupando e avassalando territorio português, porque encontraram pela frente homens dispostos aos maiores sacrificios para que essa mancha não enoçoasse a bandeira da Patria!

Recorreram à astucia, e à intriga, espalhando entre os indigenas as mais soezes atoardas contra o nosso valor e poderio para que, levando-os à revolta, se creasse em Angola uma

situação deveras critica, mas todos esses processos, astucia, espionagem e intriga, foram inuteis e impotentes, porque os nossos levando de vencida as povoações rebeldes faziam pouco depois, mais uma vez, tornar respeitada a autoridade e domínio portuguezs, impondo-nos ao gentio insubmisso.

Três anos vão decorridos, diziamos que estes factos se passaram, e no entanto o País pouco ou nada sabe do que tem representado para a vida da Nação o grandioso esforço, colossal mesmo, que se há produzido para que, se não temos a registar brilhantes victorias, não haja, pelo contrario, actos que nos deslustrem ou envergonhem.

A organização e partida das forças expedicionarias a Angola e Moçambique quasi que despercebida tem passado, a não ser entre aqueles que para ali mandaram um parente ou amigo, e que febrilmente recolhem as noticias resumidas dos factos passados que lhes são transmitidas pela Imprensa.

Tal procedimento sómente se justifica pelo fundado receio de ataques inesperados no alto mar aos transportes que tem conduzido as expedições, mas pena é que assim tenha succedido inhibindo-nos de em alegres e patrióticas ovações, poder-mos testemunhar aos nossos valentes soldados, que a Nação os acompanhava, dando-lhes alento e coragem para as mil agruras que os esperavam ao pôr o pé em terras de Africa.

E assim, eles, quasi que abandonados, como que esquecidos, atravessam as ruas da cidade, nos dias de embarque, como se fossem ou regressassem de um simples exercicio nos arredores da capital, cabisbaixos, silenciosos, vendo indifferente a multidão que perpassa e que quasi sempre ignora que esses soldados vão ser em Africa, os pugnadores do Direito, os representantes do valor da Patria !

Parece que um misterioso silencio envolve tudo quanto diga respeito ao nosso trabalho em Africa, como se pretendessemos deixar ao tempo o esquecimento de faltas ou erros graves cometidos, quando para tal não ha razão nem motivo.

Erro, e grande, tem sido, a nosso ver, esse obstinado silencio, ou, o que é peor o dizerem-se as cousas ao País, por meias palavras, não l'has transmitindo, com clareza, sinceridade e verdade.

Erro, e grande, tem sido deixar propalar boatos tendenciosos, que pretendendo lançar as culpas dos Góvernos o pouco

brilhante exito das nossas campanhas em Africa, implicitamente aviltam, deprimem, e deshonram até, os nossos officiaes soldados, que — justiça é dize-lo, — tem com grande estoicismo e espirito de sacrificio, levantado ali bem alto o prestigio do País.

Levados pelo acendrado amôr patriotico, e orgulho de raça, firmados nas tradições dos feitos valorosos dos nossos avós, quizeramos ver em Africa resurgir palpitante uma nova epoca de heroismo; contavamos fazer baquear, de chofre, as hostes alemãs, e como tal se não deu, deixámo-nos invadir pelo desanimo, descrentes e desalentados, procurando cada um, a seu modo, por ignorancia, ou malvedez, justificar, amesquinhando ou deprimindo tudo quanto se ha feito, tudo quando se ha praticado!

Povo sonhador, levado pelo ilusionismo da fantasia não atentámos nem pensámos sequer, na desigualdade da luta que se ía travar; não vimos, que dum lado estaria em contacto uma nação forte e poderosa, dispondo dos vastissimos recursos, que um perfeito desenvolvimento industrial tráz à sciencia da guerra, nação de longos anos preparada para uma luta, que constituia, por assim dizer, a sua ambição, nada tendo descuroado, de cousa alguma se tendo esquecido, a tudo prevendo e atendendo, atingindo, emfim, o maior grau de perfectibilidade na preparação para a guerra, e que doutro lado estaríamos nós, pèquena nação, fraca, sem recursos, sem industria, nada tendo preparado, cousa alguma tendo previsto, e pelo contrario, tudo havendo descuroado, no mais criminoso dos esquecimentos não possuindo, finalmente, nem uma forte organização militar nem um exercito digno deste nome.

Bem desigual luta na verdade!

E no entanto, apesar da grandiosa diferença das condições em que os dois antagonistas se apresentavam na liça, nós não fomos nem vencidos, nem derrotados.

Lembramo-nos com pungente amargura do desastre de Naulila, pelas perdas que ali sofremos, e, sem procurarmos contrabalançar as dos nossos adversarios, esquecemo-nos que ao ataque impetuoso das hostes alemãs nós só tinhamos a opôr algumas centenas de homens que para tal recontro não teriam marchado preparados da metropole, que operavam a uma enorme distancia do litoral — base inicial das operações

não dispendo portanto de um reabastecimento rapido, eficaz e seguro.

Considerámos uma derrota essas perdas, quando se dispuzessemos então de forças suficientes provavel é que, em vez da estrategica retirada que operámos, o nosso retorno ofensivo satisfizesse as nossas ambições e sonhos levando de vencida os invasores do territorio patrio.

Retirámos, é certo, não sem deixarmos vinculada nas fileiras do inimigo a nossa acção pelas baixas produzidas; não sem que no auge da refrega, quando a violencia do fogo era de tal intensidade que se assemelhava a uma rajada de metralha, tudo varrendo, numa ancia destruidora, efectuassemos retornos ofensivos, patenteando ali no sertão africano, que, sempre, nos lances mais dificeis, os soldados portuguezes sabem morrer mas não fugir!

Oficiais há que feridos não abandonam o seu posto continuando a dirigir os fogos; sargentos e soldados que não arredam pé, escorrendo sangue, conduzindo as peças a braços, transportando as munições, insensíveis, à metralha que tudo dizíma e aniquila, alguns que, perdidos das suas unidades, vão juntar-se na retirada a outros para avolumar, assim, o numero dos combatentes.

Não vencemos, não subjugámos o inimigo, é certo, mas apartámos-lhe o choque, detivémol-o na sua marcha, levando-o ao abandono do territorio invadido e isto foi o maximo que se poderia ter feito com os meios de que dispunhamos.

Não vencemos os alemães, é certo, mas não devemos esquecer que para os derrotar e subjugar, foi necessario ao valente soldado, o general Botha, introduzir na Demaraland um efectivo superior a 50.000 homens, que só após uma ardua e demorada campanha atingiram o objectivo desejado.

É isto que é necessario a meu vêr, não esquecermos, e era isto que se devia ter dito ao País, derruindo todos esses boatos de defecções que se diziam praticadas pelos nossos nas margens do Cunene, acusando-os de haverem abandonado o campo da luta.

Houve-as realmente?

Não sei, porque sómente um julgamento immediato, em conselho de guerra, poderia ter provado se essas defecções, não teriam sido mais do que o resultado de ordens mal interpre-

tadas no acêso da luta, como consequência da desorientação causada pela impetuosidade do ataque inimigo, a que novatos soldados não puderam ser indiferentes.

Mas tal não se fez, e, seguindo-se um critério diametralmente opôsto, deixou-se, pelo silencio estabelecido, que, ao tratar-se do combate de Naulila uma nuvem de incerteza venha cobrir os feitos colectivos e individuais ali praticados,

Foi grande este êrro, maior decerto, dos que por ventura se praticaram na organização da expedição a Angola.

A companhia de Moçambique

O que acima deixamos dito com relação às expedições a Angola podemos aplicar às que têm sido enviadas para Moçambique,—onde as operações militares se têm limitado, por parte dos alemães a ataques isolados aos postos estabelecidos, e quem têm sido sempre repelidos, tendo, pela nossa parte, invadido o seu territorio, dando lugar ao ataque importante de Newala, onde, tambem, fômos obrigados a retirar.

Será intuito nosso entrar em promenorizada descripção do que se tem passado em Moçambique desde 1915 até ao presente, visto que é ali onde ainda a luta se está travando.

Mas o espaço, escasseando-nos, obriga-nos à redução de considerações e do que se tem feito, tendo apenas como objectivo mostrar a grandiosidade do esforço levado a efeito em Africa, e mormente em Moçambique.

Pena é que os louros colhidos e os resultados obtidos não correspondam efectivamente a esse esforço, e que em Angola e Moçambique não pudessemos até ao presente desferrarmos dos ultrajes sofridos vingando as victimas do Cuangar e de Maziúa.

Quais as causas de tais factos?

Terá havido êrros e deficiencias na preparação e organização das expedições à Africa?

Sim, para que negal-o?

Ao País deve-se a verdade, mas, por este mesmo motivo se lhe deve dizer que em Portugal se descuroou durante dezenas de anos tudo quanto se relacionava com a defesa nacional

e com a preparação para a guerra, e que, nestas circunstancias, enviar à Africa, tropas metropolitanas, atingido um efectivo, em numeros redondos de 30.000 homens, caso jamais succedido entre nós, não é tarefa facil, nem isenta de deficiencias na sua execução.

Isto que seria muito em épocas normais, atinge as raias da impossibilidade na ocasião em que uma guerra, envolve a Europa quasi por completo, levando os seus tentaculos à America, África e Asia.

Se considerarmos que no interior de Africa as communicações não existem ou são rudimentares, e que uma columna tem de transportar atrás de si tudo quanto necessita para o seu abastecimento e reabastecimento em víveres e munições; se tivermos em atenção que tudo havia a fazer e a improvisar em Palma, base de operações, hospitais a levantar, enfermarias a construir, oficinas a estabelecer, aquartelamentos e cavalariças a edificar, com as suas multiplas dependências, armazens a fazer surgir para o acondicionamento das toneladas de víveres, parques de material a criar, paioes para o municia-mento, etc., etc.; se fixarmos o nosso espirito em todo êste quadro, devemos confessar a nós próprios que, só por milagre, se pode, em pouco tempo, fazer surgir, como nas má-gicas do teatro, do solo nu, essa cidade, que outra coisa não é o acampamento para um corpo expedicionário, onde as tropas europeas entraram em grande proporção, exigindo portanto a sua hygiene cuidados especiais.

Que trabalho enorme a efectuar não representa tudo isto; quantas minúcias a atender, quantos esforços a empregar?

Mas a par desta soma elevada de energias dispendidas no local de concentração temos que considerar as que exigiu na metrópole a preparação e organização dos diferentes destacamentos expedicionários.

Com efeito: armar, equipar, municiar e fardar tão grandes efectivos, adquirir no estrangeiro as estações de telegrafia sem fios, os lençoes impermeaveis, os automoveis e os seus pertences, por vezes os soros e as especialidades farmaceuticas, metralhadoras e munições, aviões e pertences, e manufacturar nos estabelecimentos fabris do exército ou na indústria particular muitos artigos considerados indispensaveis, como bastes e ar-reios para o transporte a dorso de metralhadoras e munições,

ferramenta e material sanitário; adquirir e fiscalizar o fornecimento dos víveres, que são representadas por milhares de toneladas, e até as forragens para os solípedes, e, finalmente, transportar — e somente em navios portugueses porque outros não havia, — toda esta colossal impedimenta, é, pode-se afirmar, tarefa grandiosa, ardua, não isenta de canceiras, fadigas e, por vezes, de desalentos.

A poderosa Inglaterra poudo, mercê dos seus inexgotaveis recursos e pela vontade dum homem de inextcedivel valor — Lord Kitchner — organizar em pouco tempo um exército numeroso e adextrado para a guerra, ela que, durante largos anos, do exército não cuidara, tratando somente do engrandecimento do seu poder naval.

Mas para conseguir êste verdadeiro milagre tinha Lord Kitchner ao seu dispor o principal nervo da guerra — dinheiro, dinheiro e dinheiro!

Não podemos ir, pois, buscar a Inglaterra como termo de comparação, porque entre nós faltava exactamente esse principal nervo de guerra, que destroe obstáculos, remove dificuldades e atritos, e tudo resolve, e compõe.

Todos os erros e deficiências — que os há — que possam ser apontados na organização e preparação das forças expedicionárias tem, como atenuante, a nula preparação do nosso exército para a guerra, a falta de recursos financeiros e ainda mais o tempo perdido na definição da nossa situação perante a guerra europea.

Se em agosto de 1914 quando se organizou o primeiro destacamento do comando do valente official Massano de Amorim, se tivesse marcado qual o objectivo a seguir em Africa, e desde então, com precisão, método e ordem, se houvessem organizado as expedições, de muito maior efectivo, que 2 anos depois para ali eram enviadas, estou certo que, não obstante todos os obstáculos a vencer, nós teriamos feito em Moçambique uma figura brilhante. — Mas não; tal não se deu, e quando se definiu a nossa situação internacional perante a guerra não nos contentámos em cooperar em Africa com a nossa velha aliada, e, indo mais além, resolveu-se a participação de Portugal no teatro da guerra europea.

Este esforço foi, pode-se afirmar, sem receio de errar, superior aos limites do possivel, atentos os apoucados recursos

do país, e conjugando-se a constituição dos corpos expedicionários à Africa e à França impondo a dêste a mobilização do exército, acarretou êste facto dificuldades insuperaveis para uma perfeita e cabal organizaçõ dos primeiros.

(Continúa)

E. BARBOSA

Ten.-cor. de Infantaria



O COMBATE DE 24 DE JUNHO DE 1828

NA

CRUZ DOS MOROUÇOS

(Continuado de pag. 772)

Convém aqui esclarecer, antes de passarmos ao campo inimigo, que nalguns livros se confunde um pouco a situação da linha de defesa pois que se considera a linha total como a parte central onde, a valer, sómente se combateu¹. Onde se deu a parte principal da acção foi no centro; mas a linha de defesa tinha a extensão que vimos, embora nem todos o digam.

E ainda convem esclarecer um outro ponto: em Coimbra ficariam tropas de reserva ou estabeleceu-se a reserva em outro qualquer sitio?

Na verdade, depois de colocadas as tropas na linha defensiva, não vejo citados como pertencentes a ela o batalhão de caçadores 6 e o batalhão de infantaria 23 que vieram para Coimbra respectivamente em 10 e 5 de junho como vimos; mas também não vejo que estas forças tivessem tido outro destino², o que leva a pensar que elas ficariam na cidade, talvez para guarnecer as obras de fortificação que levantáram, talvez para dar piquetes de observação para os arredores — ou ainda (pelo que respeita a infantaria 23) por não merecer grande confiança e (pelo que respeita a caçadores 6) porventura por

¹ Em Soriano, por exemplo, na *Hist. da guerra civil*, tomo cit. a pag. 372 e 374, embora depois lhe chame (a pag. 376) «demasiadamente extensa»; no *Cerco do Porto*, do mesmo e pag. 289 do vol. 1; no *Conimbricense*, n.º 6311; na *Revista historica*, pag. 56-57; etc.

² Vasconcelos diz na *Apologia* cit., pag. 15-16, que aconselhou Saraiva a mandar embora o batalhão do 23, por lhe parecer de pouca confiança mas não diz que o batalhão se fosse embora.

ter dado algum grande contingente para a Ponte da Mucela onde, como vimos, estava um destacamento de observação.

É admissível, sem dúvida, que elas ficassem constituindo uma pequena reserva em Coimbra ¹, mas o que me não parece exacto é que outras forças, além destas com que aqui temos jogado, tivessem vindo a Coimbra e aumentado a reserva do exército ².

Mas, fossem dois ou fossem quatro os corpos que a constituíam, devo contudo salientar que sòmente vagas referências o atestam—o que não é suficiente—e que Bernardo de Sá, que tanto se queixou de que o brigadeiro Saraiva tivesse tirado tropas do terreno da acção para Tentugal, de que a junta não mandasse tropas das que ainda tinha no Porto nem protegesse a marcha das de Almeida, etc., etc., não teve uma palavra para o facto de terem ficado em Coimbra aqueles dois corpos!

E não se veja nesse silêncio do futuro marquês uma prova de que havia regulamentarmente uma boa reserva, porque, por muito que se queira desculpar o responsavel pelo plano da defesa, manda a verdade que se diga que não era em Coimbra que a reserva devia estar concentrada; a reserva deveria estar na margem esquerda, perto das cumeadas, e estando aqui ninguem diria que estava longe porque se confundiria com os defensores... ³.

Chego pois quase a concluir que não havia reserva—tal como ela se deve considerar regulamentarmente; e que em Coimbra estariam realmente algumas tropas, poucas de certo, ⁴ para ocorrer a qualquer serviço urgente, ou até, segundo a

¹ Os *Subsidios para a hist. dos regimentos* o dizem, a pag. 119 e 159.

² Nesta última obra cit. a respeito de caçadores 11 e de infantaria 21, diz-se respectivamente a pag. 180 e 114 que eles constituíram, com outros corpos, a reserva do exército; mas não encontro outra qualquer referência a êste respeito.

³ Se num primeiro avanço os inimigos conseguissem dominar um ponto que fôsse da crista, como é que a reserva havia de atravessar a ponte, passar pela estrada descoberta e subir uma encosta daquelas, com mais de 150 metros de cota sôbre as insuas e com um declive rápido?

⁴ Em Santa Clara estava ainda alguma cavalaria segundo diz A. P. de Aguiar nas *Lembranças* cit.

maledicência, para acudir à Junta, no caso aflitivo duma fuga...¹.

E já que sabemos como os liberais têm a sua defesa, que não é para invejar, vamos ao campo contrário onde parece que não há também uma decisão muito consciente.

Povoas, como vimos, tendo recebido reforços e vendo, de certo, a hesitação dos liberais, avançou.

O seu avanço parece porêr ser hesitante, embora não de todo fóra de propósito. Dividiu o seu exército em duas colunas, uma constituída pela *Divisão da vanguarda*, outra pela 3.^a Divisão e avançou com elas, paralelamente, na direcção de Coimbra, flanqueado na esquerda por uma outra coluna constituída pela 1.^a brigada de cavalaria, por meia-brigada de artilharia e apoiada pela 3.^a brigada das milicias de Leiria e Soure².

(Continúa)

BELISÁRIO PIMENTA

Capitão

¹ Diz êste mesmo folheto que a delegação da Junta não deixou que a cavalaria, a que me referi anteriormente, fôsse ocupar o seu lugar no combate para a hipótese de ter de fugir e necessitar de uma escolta. (*Lembranças*, pag. 9).

² O já citado officio de Povoas, dá-nos êstes esclarecimentos (*Gazeta de Lisboa*, n.º 152, de 28 de junho), e na ordem de divisão de 18 de julho também citada, elucida mais que a artilharia era comandada pelo capitão Guerreiro. Na carta de António Luís de Seabra, já citada, êste diz que na columna iam duas peças de artilharia.

Corpo de exercito expedicionario portugûes

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos desde 23 a 29 de setembro findo:

Por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n.º 32 :

Alferes miliciano, Arnaldo Cesar Dine Rosado.

Regimento de infantaria n.º 6 :

Soldado n.º 277 da 1.ª companhia, Manuel d'Oliveira.

Regimento de infantaria n.º 9 :

1.º cabo n.º 241 da 2.ª companhia, Manuel de Magalhães Santos Noites.

1.º cabo n.º 440 da 2.ª companhia, Joaquim Manuel da Costa.

Regimento de infantaria n.º 14 :

Soldado n.º 239 da 3.ª companhia, José Gomes Nogueira.

Regimento de infantaria n.º 28 :

Soldado n.º 83 da 1.ª companhia, Francisco Pereira.

Soldado n.º 122 da 2.ª companhia, Manuel Maria Ferreira.

Soldado n.º 360 da 2.ª companhia, José da Silva.

Soldado n.º 423 da 4.ª companhia, Manuel Duarte.

Regimento de infantaria n.º 32 :

1.º cabo n.º 447 da 3.ª companhia, Arnaldo de Resende Pinto.

Soldado n.º 398 da 3.ª companhia, Lourenço da Costa Leonço.

Regimento de infantaria n.º 35 :

Corneteiro n.º 236 da 1.ª companhia, Joaquim Diniz.

Soldado n.º 436 da 1.ª companhia, Manuel Duarte Gomes.

7.º Grupo de Metralhadoras :

Soldado n.º 233 da 1.ª bateria, José Gonçalves.

Por desastre em serviço :*Regimento de infantaria n.º 32 :*

Soldado n.º 352 da 3.ª companhia, José de Queiroz.

Mortos desde 30 de setembro a 6 do mês de outubro findo :

Por ferimentos em combate :*Sapadores de Caminhos de Ferro :*

2.º cabo n.º 222 da 2.ª companhia, Francisco Rodrigues Coelho.

Soldado n.º 106 da 2.ª companhia, Francisco Paes Figueira.

Soldado n.º 140 da 2.ª companhia, Julio Timoteo.

Regimento de infantaria n.º 1 :

Soldado n.º 487 da 3.ª companhia, Antonio d'Oliveira Escadinhas Junior

Soldado n.º 700 da 3.ª companhia, Luiz dos Santos.

Soldado n.º 705 da 3.ª companhia, Gonçalo Antonio da Silva Paiva.

Regimento de infantaria n.º 3 :

1.º cabo n.º 460 da 1.ª companhia, João Luiz Fiuza.

Soldado n.º 111 da 1.ª companhia, Abilio Fagundes.

Soldado n.º 337 da 1.ª companhia, João Rodrigues Soares.

Soldado n.º 539 da 1.ª companhia, José Barbosa de Castro.

Soldado n.º 665 da 1.ª companhia, José Parente.

Soldado n.º 666 da 1.ª companhia, Manuel Antonio Domingues.

Soldado n.º 263 da 2.ª companhia, Manuel da Costa Cruz.

Regimento de infantaria n.º 6 :

Soldado n.º 248 da 4.ª companhia, José Marinho Alves.

Regimento de infantaria n.º 7:

1.º cabo n.º 137 da 4.ª companhia, Manuel Vicente.
 Aprendiz de corneteiro n.º 458 da 2.ª companhia, Augusto
 Correia da Costa.

Regimento de infantaria n.º 8:

2.º sargento n.º 269 da 1.ª companhia, Antonio Joaquim
 Boucela Araujo.

Soldado n.º 271 da 1.ª companhia, Justino Coutinho.

Soldado n.º 325 da 1.ª companhia, Antonio Carvalho da
 Silva.

Soldado n.º 601 da 1.ª companhia, José Ferreira Pedrosa.

Regimento de infantaria n.º 9:

Soldado n.º 85 da 2.ª companhia, Abel da Silva.

Regimento de infantaria n.º 14:

Soldado n.º 473 da 1.ª companhia, Jasé dos Santos.

Regimento de infantaria n.º 18:

Soldado n.º 529 da 3.ª companhia, Casimiro de Oliveira.

Regimento de infantaria n.º 19:

2.º sargento n.º 572 da 4.ª companhia, Augusto Ruivo.

Regimento de infantaria n.º 34:

Soldado n.º 303 da 3.ª companhia, João de Figueiredo.

Por desastre em serviço:*Regimento de infantaria n.º 6:*

Soldado n.º 596 da 1.ª companhia, José dos Santos Ramos.

Regimento de infantaria n.º 21:

Soldado n.º 607 da 3.ª companhia, Antonio Anselmo.

Mortos desde 7 a 13 de outubro:

Por ferimentos em combate:*Regimento de infantaria n.º 1:*

Soldado n.º 619 da 2.ª companhia, Luiz Inacio Mendonça.

Regimento de infantaria n.º 3:

1.º cabo n.º 746 da 1.ª companhia, Manuel José Leite.

Regimento de infantaria n.º 8:

Soldado n.º 268 da 2.ª companhia, João Lopes Barbosa.

Regimento de infantaria n.º 13:

Soldado n.º 359 da 3.ª companhia, Julio Rodrigues.

Regimento de infantaria n.º 18:

1.º cabo n.º 400 da 3.ª companhia, João Parente.

Soldado n.º 733 da 4.ª companhia, Antonio.

Regimento de infantaria n.º 24:

1.º cabo n.º 75 da 3.ª companhia, Elisario Tavares de Almeida.

Soldado n.º 383 da 3.ª companhia, Manuel João.

Regimento de infantaria n.º 29:

Soldado n.º 494 da 1.ª companhia, Severino da Luz.

Regimento de infantaria n.º 32:

Soldado n.º 112 da 3.ª companhia, Antero Soares;

Regimento de infantaria n.º 35:

Soldado n.º 401 da 4.ª companhia, João dos Santos.

3.º Grupo de Metralhadoras:

2.º sargento n.º 126 da 2.ª bateria, Antonio Rodrigues Prata.

Por desrstre em serviço:*Regimento de infantaria n.º 13:*

Soldado n.º 233 da 1.ª companhia, Alberto Teixeira.

(Continua).

Obras oferecidas

- 1 Bibliotheca d'a "Defesa Nacional," — **Guia para o ensino da Tactica nas Reaes Escolas prussianas.** — (Elaborado por ordem da Inspeção Geral do Departamento da Educação e Instrução Militar). Traduzido da 17.^a edição allemã, de 1912, pelos 1.^{os} tenentes B. Klinger e E. Leitão de Carvalho. (Com um prefácio do General Faria). 1 vol. (0,^m23×0,^m16) de 340 pag. Capital Federal (Rio de Janeiro) 1916.

O livro que anunciamos, primorosamente executado na "Imprensa Militar do Estado Maior do Exercito", foi destinado pelos tradutores a desbravar as dificuldades com que lutavam no estudo da tactica os alunos da Escola Militar brasileira, que, para tal fim, apenas dispunham de regulamentos deficientes e de uma literatura militar muí restricta. O intento tornou-se ainda mais meritorio, por isso que o Estado Maior entendeu deverem ser adoptados no exercito os regulamentos tacticos allemães, cuja adaptação foi feita conservando-lhes intacta a doutrina e os conhecimentos, que codificam.

Nestas circumstancias impunha-se a tradução do livro adoptado nas Escolas de Guerra prussianas, como sendo aquele que mais facilmente traduzia as doutrinas seguidas no respectivo exercito, o que permitiria que os alunos encontrassem nele o mais seguro guia para a sequencia dos seus trabalhos e aprofundamento das doutrinas expostas pelos respectivos professores.

Do modo como os esclarecidos officiais, que se encarregaram dessa tradução, desempenharam tal missão, dá testemunho o sr. General Faria, no prologo com que o livro abre, dizendo que — "a tradução está bem cuidada; por isso, e pelo merito do livro, estava convencido de que, em breve, todos os nossos officiais o conheceriam. É principalmente nas nossas Escolas Militares, a cujos alunos é especialmente destinado, que ele deve ser lido e estudado" — .

Não se podia fazer melhor consagração do trabalho apresentado. E, na verdade, este merece-a. Disse o general Kuropatkine, depois da guerra russo-japonesa, em um documento celebre, que as causas essenciaes da inferioridade das tropas russas no campo da luta haviam sido:

- 1.^o — A negligencia do comando;
- 2.^o — A ignorancia dos officiais;
- 3.^o — A insuficiencia da preparação tactica.

Recordando o facto, o sr. General Faria, depois de afirmar que *a tactica é a arte de empregar as tropas para assegurar a execução das d's-*

posições combinadas pela estratégia, sustenta avisadamente que—se não houver uma preparação muito apurada nos diversos ramos em que aquela arte se subdivide, afim de atender aos diferentes modos da actividade das tropas, como sejam o combate, as marchas, etc., a situação do general em chefe será sempre de hesitação e receio.

Por isso, para que a tropa tenha a preparação necessaria para chegar à posição do combate, executando-o devidamente, quaisquer que sejam as dificuldades occorrentes, recomenda aquele nosso esclarecido camarada, aos militares do seu país, os estudos da especialidade, porquanto todos os esforços para aperfeiçoar essa preparação representam serviços valiosos prestados ao exercito, e conseguintemente à Nação.

Não poderíamos emitir em termos mais persuasivos tão salutar conselho, falecendo-nos para o fazer, porém, a autoridade profissional de que gosa no exercito, de que é digno membro, o distinto prefaciadôr.

O que sómente podemos acrescentar é que tivemos viva satisfação, ao percorrer as paginas do livro em questão, em verificar a exactidão daquela apreciação, o que deu causa a que mais uma vez sentissemos pesar, por ser quasi desconhecida no nosso exercito a literatura militar brasileira, que não seja a contida nas revistas da especialidade. Por isso, a oferta do presente livro teve para nós dupla valia: porque testemunhava uma prova de consideração e estima do oferente, que temos em subida conta, e por que era uma demonstração incontestavel de quanto o nosso exercito teria a lucrar, se lhe fossem familiares alguns dos tratados, que enobrecem e figuram distintamente naquela literatura.

O Brasil e Portugal devem apertar cada vez mais os laços da fraternidade, que os une, e um dos modos mais eficazes de o conseguir será tornando, em cada uma das nações, bem conhecidos o labor intelectual produzido na outra. Quando a situação fisica as separa por tão longo espaço, é indispensavel que a sua junção se realize com a maior intensidade pelos laços intellectuais e morais. Este voto fazemos com sincero desejo de que seja escutado nas terras de Santa Cruz, cujo esplendôr representa sempre para os portuguezes motivo de orgulho e satisfação.

- 2 Guides Michelin pour la visite des champs de bataille— — **Bataille de la Marne. I. L'Ourcq — Meaux — Senlis — Chantilly.**— 1 vol. de 118 pag. in-8 (0^m,20×0^m,14), avec 19 cartes en couleurs, 12 portraits et 17 illustrations, relié 3 fr. 50.—Paris, 1917. Berger-Levrault, editeurs, 5, rue des Beaux Arts.

O fim do editor, ao empreender a publicação dos livros, de que o presente constitui a guarda avançada, foi o de formar uma bibliotéca, onde os turistas podessem encontrar não só um guia, mas a história dos factos occorridos, ao visitarem não sómente os campos de batalha, mas as povoações mais experimentadas pelas devastações da guerra. Não podem ter tais visitas o carácter de simples e rápidos percursos atravez de regiões devastadas; indispensável se torna, para que uma tal perigrinação tenha o devido mérito, fazer alguma cousa mais do que dispensar simples observação visual a tais logares, isto é, examinar e compreender todo o desenrolar das tragedias, de que elles foram o teatro.

A este pensamento obedeceu a elaboração do curioso livro, a que estamos fazendo referência. Abre êle com o resumo geral das operações, que foram executadas no sector em questão, cuja clareza foi notavelmente facilitada, devido ao emprego de numerosas vistas esquemáticas. Depois de aclarada assim a situação, o autor entrou, então, na descrição de vários episódios constitutivos dessa formidável batalha, que os historiadores denominam presentemente do *Ourcq*, denominação tomada do vale atravessado pelo rio do mesmo nome, cuja conquista os franceses só obtiveram à custa de formidáveis heroísmos, para assim vencerem a tenacidade com que os alemães o defenderam.

Ao empreender a publicação dos *Guias* em questão, houve o propósito de contrariar, desde já, o projecto alimentado pelos alemães de formarem coleções análogas, após a guerra, redigidas com o propósito de apagar os sentimentos patrióticos dos seus adversários, apresentando os assuntos de modo a cativar-lhes a leitura, sem prejuizo de insinuarem nesta ou naquela pagina, as doutrinas germanas acerca das origens e da conduta da guerra. É a propaganda tenaz dos seus «Baedeker», que êles se propõem assegurar por tal modo.

Tratam, consequentemente, os franceses por defesa dos seus interesses, de preparar uma colecção de guias da guerra, destinadas a serem trazidas em várias linguas, e que serão largamente distribuidas no mundo para bater em brecha a futura edição análoga alemã.

Os três primeiros volumes são consagrados à batalha do Marne. O que agora anunciamos, em uma digressão atravez de Chantilly, Senlis e Meaux, faz assistir o leitor à batalha do Ourcq e respectivos preliminares. O segundo volume, conduzindo-o a Chalons, por Provins, Esternay e Saint-Goud, está em preparação e aparecerá muito brevemente.

O autor não se cingiu restritamente à descrição das localidades sob o ponto de vista militar. Quando na digressão empreendida se depara qualquer localidade interessante, sob o aspecto arqueológico ou artístico, embora a guerra nela não houvesse imprimido a sua acção destruidora, chama a atenção do leitor sobre os pontos dignos de observação. E tudo se aclara melhor, e mais interessante se revela, graças às numerosas gravuras espalhadas no texto, que só por si constituem valiosa tentação para a leitura.

Antes de terminar, devemos dizer que, no frontespicio do livro, se declara que os lucros que Michelin poderá alcançar dos seus *Guias*, serão entregues à obra da «Repopulation Française» (*Alliance Nationale*), o que torna a publicação também extremamente simpática aos aliados e admiradores da França.

- 3 **Les chefs d'état-major de l'armée belge et le respect de la neutralité**, par W. MARTILY, major d'état-major belge.— 1 opus. de 30 pag. (0^m,225×0^m,155).— Paris, 1917. Librairie Payot & Cie.

Após a invasão da Belgica pelos alemães, quando êstes entraram em Bruxelas, onde se apossaram dos famosos documentos Ducarne-Barnardiston, proclamaram em todos os tons, que nêles existia a prova irrecu-

sável da Belgica, muito antes da declaração da guerra, haver traído os seus deveres de neutralidade em favor da Inglaterra, concluindo com esta potência, em 1906, um tratado secreto de aliança.

Demonstrou-se breve, porém, que só à custa de uma grave e dolosa alteração nos textos primitivos semelhante interpretação podia ser dada áqueles diplomas. Além de haver sido transformada em *Convenção* a palavra *Conversação*, que figurava no Relatório do General Ducarne, deixou de ser mencionada uma frase importante, contida na margem daquêle documento, escrita pela mão do próprio General, a qual dizia explicitamente que— «a entrada dos ingleses na Belgica só se faria, quando houvesse sido realizada a violação da neutralidade pela Alemanha».

É certo que, após cinco meses de perplexidade, os alemães reconheceram mui enfadadamente terem cometido «erros de leitura». Não obstante, continuaram a insistir, mas sob fórmula diversa, na primitiva asserção, e foi ela acusando o governo belga de haver, de concerto com o governo britânico, combinado uma acção militar contra a Alemanha.

Obrigados a abandonar, também, pela réplica fundamentada que lhes foi feita, esta asserção, concentraram, por último, a acusação no seguinte argumento:— «Com a cumplicidade mais ou menos bem dissimulada do seu governo, os *chefes de estado maior* do exército belga, prepararam, duas vezes pelo menos,—o General Ducarne em 1906 e o General Jungbluth em 1911—, de comum acôrdo com o estado maior britânico, os planos de uma operação concentrada contra os exércitos alemães».—É esta última tése, sustentada pelos acusadores, que o opusculo, cuja publicação anunciamos, destroi com argumentação racional e vigorosa.

Esta simples exposição basta para revelar todo o interesse que redundo do trabalho, que anunciamos, o qual constitui separata da *Revue Militaire Suisse*, onde foi devidamente apreciada pelos habituais leitores.

Donde resulta que as novas insinuações alemãs não devem ter maior consistência do que as anteriores. Como bem diz o major Martily, a attitude da Belgica foi sempre límpida, clara e precisa, como uma espada. Obstinando-se em a obscurecer, encarniçando-se sôbre a sua vítima, a Alemanha só agravou, na verdade, aos olhos do mundo e da História, juiz supremo, a imensidade do seu crime.

- 4 **I. M. P.** *Desenvolvimento da Comunicação ao 1.º Congresso de Educação Física, promovido pelo Ginasio Club Português*, por DESIDÉRIO BEÇA, tenente coronel. (Publicação autorizada por S. Ex.^a o Ministro da Guerra).—1 vol. in-8 de 151 pag. (0^m,225×0^m,145).—Lisboa, 1917.

O interessante trabalho, que hoje anunciamos, cuja doutrina o próprio título divulga, representa uma comunicação oficial sôbre a *Instrução Militar Preparatória*, apresentada ao 1.º Congresso de Educação Física, promovido pelo Ginásio Club Português, pelo sr. Desidério Beça, que se tem mostrado sempre um devotado propugnador do assunto, dedicando-lhe os esforços da sua inteligência e da sua melhor boa vontade.

Incumbido da organização dessa memoria pelo titular da pasta

da guerra, sr. Norton de Mattos, em breve preambulo o autor lavra público testemunho de gratidão pela distinção concedida, sustentando a conveniência que encontrou em haver dado à missão, que lhe fôra incumbida, antes a fôrma de uma exposição dos trabalhos até ao momento consumados, de que a sustentação de uma simples tése, aproveitando assim um ensejo asado para espalhar no país, um livrinho de propaganda, de que julga tanto carecer a I. M. P.

Efectivamente, folheando as páginas do volume, nelas se encontra a correspondência trocada entre o Ginásio Club e a Secretaria da Guerra, na qual aquêlê instituto solicitava a adesão do govêrno; as circulares e ordens no sentido de basear a I. M. P. na educação física; a investigação do que aquêla instrução é nos países que a têm adotado e o que se tem feito em Portugal nêsse sentido, desde a origem da nacionalidade até aos tempos correntes. Como se depreende do exposto, o trabalho executado constitui uma codificação de quanto sôbre o assunto se torna necessário e conveniente conhecer, para que em remodelações sucessivas se possa dar ao serviço em questão todo o aperfeiçoamento possível.

Foi um bom serviço prestado pelo nosso esclarecido camarada sr. Desidério Beça, que assim mais uma vez demonstrou quanta dedicação vota à causa do melhoramento das instituições militares nacionais.

- 5 **A festa da arvore e o Exército Português.** Conferência realizada na sessão solene de 27 de fevereiro de 1916, com a assistência de S. Ex.^a o Presidente da República, pelo delegado do Ministerio da Guerra, tenente coronel DESIDÉRIO BEÇA. — 1 opusc. de 10 pag. (0^m,225×0^m,155). Lisboa, 1917.

O título dêste pequeno opusculo evidencia inteiramente o assunto nêlê versado e a ocasião em que o tema foi desenvolvido. Dizer que o autor se desempenhou devidamente da missão, que lhe foi incumbida, seria redundância da nossa parte. O sr. tenente coronel Beça é um oficial que busca honrar a classe a que pertence, sempre que as circunstâncias da vida o colocam em evidência, e esta orientação do seu espirito manteve ao pronunciar a conferência agora dada à publicidade.

- 6 Ministerio da Guerra—Arsenal do Exército—Repartição Técnica—**Manual do Material de Guerra Regulamentar e do material dos serviços auxiliares, contendo a nomenclatura oficial.** Volume I. Material para mobilização do exército de campanha, polvoras, explosivos e artificios. —Lisboa, 1917. 1 vol. in-8 com 462 pag. (0^m,203×0^m,145).

Representa um bom serviço prestado às instituições militares a publicação dêste trabalho, porque era grande a confusão reinante nos corpos e estabelecimentos ácerca, não só da nomenclatura do material de guerra, mas dos outros assuntos contidos no *Manual*.

Apoiado em tão util guia e com o esforço, que as circunstâncias per

mitirem, será agora possível restabelecer a regularidade na escrituração competente.

- 7 Observatório astronómico da Tapada. **Dados astronómicos para os Almanques de 1918 para Portugal.**—Lisboa, 1917. 1 opusc. de 35 pag. (0^m,235×0^m,155).

Representa a contribuição relativa ao próximo ano, a publicação dêste opusculo, que com tanta regularidade nos é ofertada e recebemos sempre com prazer.

Contém os dados, que justificam a sua existência, e subsidiariamente informações mui curiosas sôbre a—*Fôrma da terra e Natureza e perigo das correntes*—deveras interessantes e cuja leitura recomendamos.

- 8 Observatório Astronómico de Lisboa (Tapada)—**Projecto que serviu à Construção do Observatório «Campos Rodrigues» em Lourenço Marques,** na parte astronómica, por FREDERICO OOM.—Lisboa, 1916. 1 opusc. de 28 pag. com 11 mapas e 6 fig.

Na história da nossa administração todos os dias ocorrem casos extraordinários. Por exemplo, o que succedeu com o projecto do Observatório de Lourenço Marques. Elaborado, a seu tempo, à custa de dedicados esforços e enviado ao seu destino, afim de lhe ser dada a devida execução, êsse trabalho perdeu-se sem que jámais fôsse possível saber do seu paradeiro. Porque a necessidade do Instituto era reconhecida, vivas instâncias foram dirigidas à direcção do Observatório de Lisboa, pedindo uma cópia daquêle projecto. Mas, de trabalhos de tal natureza não é de uso serem tirados duplicados, e o tempo corria sem que aquêle melhoramento científico fôsse posto em execução. Afinal o esclarecido director sr. Campos Rodrigues, reunindo as mínutas do trabalho, que foram encontradas na posse do seu autor, conseguiu fazer elaborar novo Projecto, contendo sôbre o primitivo modificações, que representam melhoramentos notáveis. E, para que não houvesse novo extravio, foi êsse trabalho agora gráficamente reproduzido, graças ao que tivemos ocasião de o apreciar, subscrito pelo sr. Frederico Oom, que tão distintos serviços tem prestado no exercício do cargo, que exerce, de sub-director do Observatório de Lisboa.

M. S.

CRÓNICA MILITAR

Portugal

Secção fotográfica e cinematográfica do exército.—No dia 8 do mês de novembro último foi exposta nesta secção uma interessante colecção de fotografias que vai ser expedida para Paris, a pedido do governo francês, a fim de figurar numa exposição inter-aliados.

A secção fotográfica foi recentemente criada por iniciativa do tenente-coronel Desidério Beça, chefe da 4.^a repartição da 1.^a Direcção geral do Ministério da Guerra, e provisoriamente instalada, naquele dia.

Do *Diario de Noticias* transcrevemos a respeito dela o seguinte :

«Os serviços de ampliação e de revelagem das películas animatográficas são perfeitos, mostrando o último engenho por parte de quem os montou.

Das ampliações, na sala da entrada encontravam-se algumas amostras e que muito elogiadas foram pelo sr. ministro da instrução, que ali esteve. Essas ampliações são tão nítidas como qualquer fotografia directa. O público já conhece a perfeição desses trabalhos, pois a secção fez duas exposições na Sociedade de Geografia, uma dos trabalhos, que figuraram na exposição na Londres e com sucesso, segundo informações recebidas, e outra dos trabalhos destinados à exposição inter-aliados de Paris, para onde serão enviadas em breve 40 provas, estando já lá 160. Dessas 40 fazem parte as ampliações que ontem vimos e que se referem à vida dos nossos soldados nas trincheiras em França e nos exercícios ali realizados.

Do conhecimento do público são também os seus «films» da nossa preparação na guerra, exibidos em vários cinemas.

Em breve será exibida uma outra no Central, talvez a mais perfeita, sobre o juramento de bandeiras na Escola de Guerra. É preciso notar que todos os trabalhos conhecidos do público e ainda outros para uso dos ministérios da guerra e da instrução, foram executados em menos de um ano.

Metodicamente, a secção vai trabalhando para o museu da grande guerra e para o arquivo histórico que será devidamente classificado, para facilitar a acção pedagógica dos nossos estabelecimentos de ensino.

Alemanha

Perdas em campanha.—Segundo uma notícia de Berlim, *As Consequências Sociais da Guerra*, de Copenhague, publicaram que as diferentes perdas da «Entente» montam a 15.100.000 de homens, a saber : Inglaterra, 1.200.000 ; Russia, 8.500.000 ; França, 3.700.000 ; Itália, 800.000 ; Sérvia, 480.000 ; Bélgica, 220.000 e Rumania, 200.000.

No fim do segundo ano de guerra anunciaram-se as seguintes perdas : O calculo das baixas, baseados em dados officiais, mostra que o segundo ano de guerra custou mais de 3.000.000 de vidas e mais de 6.000.000 de feridos.

O calculo relativo ao primeiro ano de 2.500.000 mortos e 5.000.000 de feridos entre alemães, segundo as suas informações, opõe-se a estima do *Beach Thomas* que calcula estas perdas em 5.000.000 de mortos e 7.000.000 de feridos.

Pela fase da ofensiva do Somme e avançada de Brussiloff, as quais começaram no fim do segundo ano de campanha, os britannicos tinham perdido em mortos ou totalmente incapazes 228.138 ; em prisioneiros, 68.046.

As perdas alemãs foram : mortos ou incapazes, 664.552 ; prisioneiros, 137.728. A França nada publicou. Porém o deputado Langé calcula as perdas francesas em mortos e completamente incapazes, 900.000 ; prisioneiros, 300.000.

Noticias da Alemanha estimam as perdas russas em 3.000.000, das quais 1.000.000 de prisioneiros.

Extracção do azeite do caroço das frutas. — Para suprir a escassez da importação de azeites ; trataram os alemães de obter essa substancia com o oleo que, em maior ou menor quantidade, se encontra na amendoa de certas frutas que possuem caroço.

De acôrdo com as investigações de K. Alpers, publicadas no *Chemiker Zeitung* e reproduzidas na «Revue générale des sciences» de 30 de abril último, os caroços das cerejas contam 30 % de amendoa, os das ameixas 15 %, os dos damascos 7 %. A amendoa contida no caroço das cerejas contem 36 % de oleo, a das ameixas 42 % e a dos damascos 47 %.

Á vista dessa análise, a Alemanha que, em 1900, possuia aproximadamente 22 milhões de pés de cerejas e 70 milhões de amexieiras pode extrair das amendoas das frutas dessas árvores, varios milhões de quilogramas de oleo.

A utilização dêsse oleo não poudé até há bem pouco tempo ser convenientemente applicada, não só pela falta de boas máquinas para partir o caroço das frutas como pelo trabalho demasiadamente moroso da separação da casca ou pellicula que envolve a amendoa da própria amendoa.

Estas difficuldades acabam de ser removidas, após longos e repetidos ensaios e não menos dispendiosas experiências. A casa Martin, de Bitterfeld, anuncia que construiu uma máquina que produz rápida e proficientemente o rompimento do caroço, deixando intacta e perfeita a amendoa e K. Alpers encontrou um processo pratico para separar a casca da amendoa calcado na differença dos seus pesos especificos.

O da amendoa da ameixa é de 1,05 e o da pellicula é de 1,18, submetendo a amendoa a uma solução de cloreto de calcio ou de magnesio, cuja densidade é de 1,15 a amendoa sobrenada, vem ter à tona, ao passo que a pellicula ou casca, separando-se, vai ter ao fundo do vaso.

Depois de sêcas as amendoas, limpam-se, mondam-se e levam-se para a prensa.

As experiências feitas por Alpers conduziram-o a resultados os mais satisfatórios possiveis.

Na sua opinião, o azeite obtido, que a principio é turvo, gradativamente se vai aclarando, depurando, purificando.

O gosto que, ao início é agradável, torna-se logo depois amargo e faz lembrar o das amendoas amargas, mas aquecido o óleo a 160° e conservado durante duas semanas em garrafas destapadas, perde o seu cheiro característico e pode até ser utilizado como azeite para saladas.

Na Hungria, segundo refere *La Nature*, aproveita-se actualmente o milho para extracção do azeite e o produto é monopolizado pela Sociedade Central Hungria de óleos e graxas.

Chile

Produção do salitre.—O salitre que era e é uma fonte considerável de riquezas do Chile, passou, no início da guerra, por uma crise muito séria. O seu principal emprêgo era como fertilisante, adubo agrícola, chegando em 1913 a exportar 3 milhões de toneladas de nitrato de sódio, constituindo essa soma 58 % do consumo mundial de matérias nitrogenadas minerais, equivalente a 420 toneladas de nitrogéneo.

No início da guerra e com a natural paralização da agricultura, julgou-se que essa crise momentânea produzisse outras, arrastando consigo a ruína de uma indústria tão florescente.

No entanto, a crise passou; de 26 estabelecimentos exportadores existentes no Chile em 1915 elevaram-se a 112 ao terminar o referido ano. Esse desenvolvimento inesperado foi devido ao ácido nítrico, que, como se sabe, entra na composição dos explosivos, e aos incessantes pedidos de salitre feitos pelos mercados europeus.

A Inglaterra que consumia 130.000 toneladas anuais, passou a importar 400.000.

Os impérios centrais isolados da América do Sul, em face do actual conflito, resolveram o problema com os seus próprios recursos, produzindo sulfato de amoníaco e extraindo o azote atmosférico que lhes permite obter o ácido nítrico.

Os Estados Unidos, grandes fornecedores de material de guerra aos aliados, consomem actualmente do Chile maior quantidade de nitrato do que anteriormente á guerra se provia.

Não se deve, pois, temer que a república do Chile venha a sofrer na exportação da sua principal fonte de riqueza. É provável que, ao terminar a guerra, todos os mercados mundiais busquem no Chile o salitre necessário às suas indústrias.

Estados Unidos

Soldos do exército.—Os que anualmente percebe a oficialidade são os seguintes: major-general, 8.000 pesos; general de brigada, 6.000; coronel, 4.000; tenente-coronel, 3.500; major, 3.000; capitão, 2.400; 1.º tenente, 2.000; 2.º tenente, 1.700.

Os prês mensais das praças são os seguintes:

Sargentos, de 30 a 45 pesos; cabos, de 21 a 24; soldados de 1.ª, 18; soldados de 2.ª, 15.

Os oficiais recebem uma gratificação de 10 % depois de 5 anos de efectividade no seu posto, e de 40 % aos 20 anos. Também se lhes facilita luz e combustível grátis e uma indemnização para residência.

Às praças concedem-se 18 pesos mensais pelo segundo período de readmissão, e por cada um dos imediatos aumenta-se-lhes os vencimentos até prefazerem 45 pesos por mês, que obtem no sétimo e último.

Exportação de cobre. — A exportação dêste metal decresceu consideravelmente neste três anos de guerra.

Em 1913, foi de 413.500 toneladas; em 1916, baixou a 350.000, das quais 150.370 se destinaram à França; 82.395, à Inglaterra, 60.787 à Itália; 22.169 à Holanda, e o restante aos demais países europeus.

Estas toneladas chamam-se, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, *gross ton* ou *long ton* e representam um peso de 1014,5 quilogramas ou 14,5 quilogramas, mais que a tonelada métrica.

A baixa é atribuída à ausência do mercado alemão que, antes da guerra, consumia perto da terça parte da exportação norte-americana.

França

O alcool e o café na guerra. — Em algumas nações actualmente em guerra, que têm adotado medidas proibitivas em relação ao uso de bebidas alcoolicas, procura-se inquirir dos higienistas se essa proibição não deve ser mais suave e tolerante até que se encontre bebidas menos nocivas indiferentes e mais beneficicas para o substituir.

O dr. Casseies preconisa para esse fim o *uso do café* restringido a certos e determinados limites. Uma das vantagens do café é possuir um certo valor nutritivo, pois uma infusão de 100 gramas sem assucar, produz 3,12 gramas de matérias albuminoides e 13,1 gramas de hidratos de carbono, que, em conjunto, dão 76 calorías, o que equivale a 100 gramas de leite não desnatado ou de 200 de leite desnatado, quantidade ordinariamente consumida. Uma chavena de 80 centímetros cúbicos de capacidade, dá uma infusão de 15 gramas de café.

Outra vantagem desta substância, resulta da sua acção sôbre os fenómenos nutritivos, diminuindo a actividade da dissimilação, obtendo, portanto, à *desnutrição*, segundo a frase de Payen.

Gasparin comparando o regimen alimenticio dos trapistas com o dos mineiros de Charleroi, atribui em parte o melhor estado sanitario destes últimos, entre outras causas, à ingestão diária de uma intusão de dois litros d'agua por 30 gramas de café.

Esta substância administrada na dose de 120gr. em pó ou três litros de infusão a 200gr., deu logar a que Jourand (conforme afirma na sua tése de doutoramento) resistisse a um jejum absoluto de sete dias consecutivos.

Bourchalat, declara a êsse propósito que o «bom café é o mais agradável e um dos melhores excitantes conhecidos; facilita a digestão e dispõe maravilhosamente para os trabalhos intellectuais».

Tendo-se o cuidado de não abusar dêle, e privando do seu uso aos nevropatas e dispépticos (a quem se deve igualmente prolbir o alcool), acrescenta o dr. Casseus, o café pode na maioria dos casos, contribuir para que se restrinja o alcoolismo.

Emfim, já o divino cantor dos *Chatiments*, prelibando uma chavena de café, assim se exprimia: «Se o café é veneno, que belo e doce veneno»!

Roupas uzadas. — Nos arredores de Paris há um estabelecimento cujo fim é aproveitar a roupa abandonada pelos franco-ingleses no campo de batalha.

As peças, demasiado rotas, são remendadas e vendidas aos trapeiros; e as que se encontram em melhor estado, depois do necessário concerto, lavagem, desinfecção e passagem a ferro, são aproveitadas no seu primitivo mister, isto é, são distribuídas ao próprio exército.

Empregam-se neste serviço, cêrca de 140 homens e 500 mulheres. Os trapos rendem 425 dollars por tonelada, e o total da economia resultante, sobe a mais de 230:000 dollars mensalmente.

Inglaterra

Conferências para as tropas que combatem em França. — O Ministério da Guerra inglês enviou para o «front», em França, um certo numero de conferentes, para proporcionar às tropas recreios intellectuais e fazer-lhes vêr claramente as causas e os ideais pelos que estão lutando, familiarizando-os assim com a politica militar, com a sciência, a literatura, etc. Os temas foram muito variados e têm-se referido ao sol, à lua, aos planetas, à astronomia, à guerra entre os animais, às terras do norte da França, ao clima, história e literatura dos países aliados, etc.

As conferências tiveram um exito extraordinário, mais ainda que o alcançado pelo cinematografo e os concertos com que têm obsequiado constantemente os soldados que guarnecem as trincheiras.

Tactica de aeronautica. — Aeronautas ingleses applicaram há pouco em França um bem sucedido plano para interceptar o trafego às vias ferreas alemãs, na visinhança de Libercourt. Patrulhas, cada uma de três aeroplanos, foram mandadas ao campo para atacar os aerodromos inimigos, próximos da via ferrea e ser acometida, por forma a evitarem a interferência dos alemães, privando-os de voar.

Os ingleses atacaram à bomba dois comboios ao mesmo tempo, inutilizaram as locomotivas e dispersaram as tropas que viajavam. Soldados, em grande numero, foram mortos uns e feridos outros, e a estação de Libercourt foi atingida em grande parte do seu material fixo e rodante, ficando tudo estragado e inutilizado.

DIVERSOS

A guerra e a crise de carvão. — Na organização económica, tudo se condena, tudo se enlaça numa eterna e perfeita harmonia; a guerra criou a crise de transportes e esta determinou a do *carvão*.

Quantos motivos de inquietação devemos à civilização e ao progresso! Teremos gaz e electricidade para nos iluminar? Teremos carvão para nos aquecer?

Os nossos antepassados não conheciam estas angustias, iluminavam-se com velas de cebo, e como os bosques não estavam devastados, recorriam à lenha para se aquecerem.

À não ser nas regiões em que a hulha se encontrava à flôr da terra era ela completamente desconhecida nos demais reconvos do planeta.

E, nas próprias regiões onde ela, abundava, as mais absurdas superstições os mais bizarros prejuízos afastaram durante séculos a sua utilização, dando ombros a uma riqueza que a Natureza colocara em suas mãos.

Em algumas cidades europeias, só há 100 anos a esta parte se utilizaram o carvão para os usos domésticos, mas nos tempos que correm, o seu emprego tornou-se de tal modo rápido, imperioso e indispensável, que a sua falta acarretaria a desorganização económica social.

O carvão, êsse combustível tão desprezado nos séculos passados, converteu-se em uma das necessidades primordiais da nossa civilização, constituindo em todos os países uma das mais graves preocupações dos poderes públicos.

A questão do carvão é da maior actualidade.

Digamos alguma coisa sobre a sua história e a sua lenda.

A dar crédito a uma tradição belga, referida por Jeben de Prels, no seu «Myreur des Histoires», a hulha foi descoberta no ano de 1198 em Liège.

Havia naquela cidade, então escuso logarejo, um velho ferreiro que trabalhava desde manhã até à noite no seu árduo e exaustivo ofício; um adventício, um estranho à localidade, que por ali passára, vendo o pobre homem no seu afanoso trabalho, gotejando suor, deteve-se à porta a contemplá-lo. Era um ancião completamente curvado ao peso dos anos e apoiado a um tosco bordão.

— Que rude o teu ofício! Estás satisfeito com os lucros que êle te proporciona? disse o forasteiro, depois de longamente observar aquele penoso trabalho.

— Que lucro pensais que aufero? respondeu o ferreiro limpando o suor que lhe corria pelas faces enegrecidas. Tudo quanto ganho, gasto com a aquisição dêsse negro carvão que consome todas as minhas energias.

— Como não ser assim, se consumis carvão de lenha que retirais das matas próximas? voltou o velho adventício.

— O lucro é tão pouco, retorquiu o ferreiro, que mal chega para alimentar a família e a mim próprio.

— Como serias feliz se podesse obter carvão cavando um pouco a terra, perguntou maliciosamente o desconhecido.

— Feliz como? interrompeu o ferreiro olhando desconfiado e de soslaio o seu interlocutor.

— Eu te digo, continuou o ancião, bem perto de ti, em Flever, encontrarás o que desejas. Tens por lá passado muitas vezes e nunca observaste a terra negra misturada em alguns logares com a terra ordinária que lá existe? Colhe, apanha essa terra negra, deita-a ao fogo, coze-a e não terás mais necessidade de outro combustível, de outro carvão.

O operário abriu desmedidamente os olhos julgando que o forasteiro dêle chasqueava, mas observando a respeitável e digna figura do velho, que, ao despedir-se lançou-lhe um doce e amável sorriso, recobrou confiança e dirigiu-se apressadamente ao sitio que lhe fôra indicado.

Ali chegado, examinou, atenta e cuidadosamente o solo e viu a larga faixa de terra negra.

Volveu à casa em busca de uma picareta, de uma enxada e de uma vasilha; cavou a terra, encheu a vasilha e regressou confiante à oficina.

E, qual não foi o seu espanto quando deitando ao fogo a terra negra, esta se inflamou e começou a arder.

Radiante de alegria e contentamento correu a transmitir aos vizinhos o que lhe acontecera.

E, para se convencerem da verdade que o ferreiro lhes comunicára, foram ao local, cavaram e retiraram de camadas mais profundas, grandes pedras negras, que igualmente se inflamaram e arderam em contacto com o fogo.

E, como o ferreiro se chamava Herlloz, a terra negra descoberta, recebeu, em sua honra, o nome de *hulha*.

E a extracção do carvão mineral foi desde então a fonte, o manancial das grandes riquezas de Liège; não só alimentou as numerosas fabricas que se estabeleceram em toda a região, como subministra carvão aos povos vizinhos.

Ha oito séculos as minas de Liège fornecem carvão ao mundo inteiro, e as suas camadas parecem inexgotáveis.

E, o bom velho que revelou o segredo desapareceu...

Herlloz e os seus companheiros empregaram todos os esforços para o encontrar; tudô em vão, jámais se soube do seu paradeiro e qual o seu destino. Havia desaparecido como êsses génios fabulosos que aparecem num instante para se evoluírem numa tenue penumbra de luz.

O que fica registado não é mais do que um simples relato da tradição popular transmitida de século em século às gerações que se sucedem.

O carvão, embora sofra um tanto a nossa vaidade de povos civilizados, foi descoberto na China muito antes da nossa era. E os habitantes do celeste império o utilizavam com grandes vantagens. Na Europa até o século XI ainda se não o conhecia.

Em 1066, narram as crónicas, os ingleses pela primeira vez procederam a explorações carboníferas em New-Castle-on-Tyne.

Um século mais tarde (1198) a Belgica iniciava a exploração dos terrenos carboníferos de Liège.

Rapidamente o uso do carvão mineral se generalizou.

De 1228-29 não só no principado de Liège, como em Hainant, isto é, na vasta região de Mons, conhecida hoje sob a denominação de Borinage, foram exploradas várias minas de carvão. E, apesar da Inglaterra ter a primazia na descoberta, descuidou por completo da sua utilização industrial. O carvão de hulha era então pouco estimado porque se lhe atribuíam qualidades prejudiciais à saúde pública.

Em 1305, todos os operários de Londres quizeram utilizá-lo, mas a alta burguezia e a nobreza alarmaram-se, pozeram entraves ao seu emprego.

Um inquérito mandado proceder pelo rei Eduardo I, foi desfavorável à exploração industrial da hulha, pelo que êsse soberano baixou um édito, castigando com as penas mais severas todos quantos dêla se utilisassem.

Até 1340, os negociantes privilegiados não conseguiram levantar essa proibição. E, só um século mais tarde, foi permitido lançar-se mão de carvão restringido exclusivamente aos usos domésticos.

Em França, até o século XIV, não havia ainda exploração carbonífera. As hulheiras de Roche-le-Molière, no Forez, foram conhecidas em 1320. No século XV, descobriram-se alguns veios, jazidos em Cherolais, graças às pesquisas dos operários belgas do Hainant ao serviço dos duques de Borgonha.

Foram também os belgas que descobriram e exploraram a rica zona carbonífera do norte da França; o célebre veio de Arzins foi desvendado em 24 de junho de 1734, por Pedro Methieu, oriundo de Ladelivart (Hainant belga), como atesta a lapide existente na igreja desta aldeia.

O primeiro édito que trata em França do uso do carvão, data de junho de 1601; nêle se consigna a formal proibição para fins industriais e domésticos atentas às suas qualidades malsinas e à sua acção nefasta.

Embora êsse édito fôsse revogado anos depois, a população o repeliu, não só pela má fama espalhada, como porque se atribuía às suas emanações as enfermidades do aparelho respiratório e a amarelidão da tez.

Essa repugnância em uzar a hulha, persistiu por longos anos; ainda na segunda metade do século XVIII os parisienses estavam inibidos destas absurdas prevenções, posto que Morand, então socio da Academia das sciências, procurasse demonstrar a sem razão de ser de tais prejuizos, na Memória então publicada, sôbre a natureza e efeito do fogo de carvão de hulha:

«As mulheres de Liège, dizia êle, são tão ou mais faceiras, coquettes do que as da França. E, no entanto, uzam ordinariamente o carvão de hulha. Em Valenciennes, onde se emprega desde tempos imemoriais, as senhoras não sentiram nem sentem a menor alteração na *tez dos seus rostos*. Na Inglaterra sucede o mesmo e a tuberculose não subiu na escala da mortalidade; a proporção, o indice, são os mesmos das demais enfermidades».

Um voto unanime da Academia, homologou as conclusões a que chegou Morand na sua *Memória*. Apesar disso, o consumo de hulha limitou-se aos uzos domésticos; tal a força dos prejuizos sociais.

Nos demais países europeus, sobretudo na Austria e na Boêmia, o carvão de hulha, que dormitava no seio de ricas montanhas, era inteiramente desconhecido até o século XVIII.

A imperatriz Maria Tereza, seguindo os conselhos do principe Carlos de Lorena, então governador geral dos Países Baixos, contratou em 1757 vários mineiros belgas para realizar os primeiros ensaios carboníferos no seu país.

Kircher, no seu *Mundus Subterraneus*, refere que na Ungria ninguem absolutamente dava a menor importância à hulha (1665) pois a sua força era tão poderosa que fundia o ferro e os metais.

No entanto, na Alemanha do Norte, o carvão era convenientemente explorado desde o século XVI; as minas da Saxonia, da Sibéria, das margens do Roer e da zona do Rulu sobretudo, tiveram enorme desenvolvimento no século XIX.

Os médicos alemães, *ad instar* dos belgas e franceses, opinaram que o uzo do carvão de hulha determinava a asma e a tuberculose, a pneumónia e a apoplexia, dando lugar a que se manifestassem os mesmos prejuizos populares e as mesmas absurdas prevenções.

Em nossos dias, são raras as regiões não providas de carvão.

Os progressos das sciências naturais, determinarã a descoberta de afloramentos consideráveis, julgados inexistentes até então.

De acordo com uma estatística publicada pouco antes de explodir a guerra actual, o número de operários mineiros, em todo o mundo carbonifero era estimado em mais de 5 milhões; dos quais 1.000:000 explorava as minas inglesas; 500:000 as dos Estados-Unidos da America do Norte; 500:000 os da Alemanha; 170:000 as de França; 140:000 as da Belgica; 125:000 as da Austria-Ungria, 100:000 as da India.

(Do *El Mundo Militar*, Madrid).

II

PARTE MARITIMA

Portugal

Navios perdidos.— Durante os meses de junho e julho, perderam-se os seguintes navios, todos afundados por submarinos:

Espinho—Era o ex-alemão *Energie*, de 740 ton., actualmente ao serviço do govêrno francês. Ia em viagem de Casa Blanca para Bordeus, quando ao Norte do Cabo de S. Vicente, avistou um submarino que contra êle disparou por duas vezes, intimando-o a parar. Depois de ter a tripulação embarcado em duas baleeiras, foi colocada uma bomba a bordo do vapor, a qual explodia pouco depois.

Os naufragos aportaram a Odeceixe, onde desembarcaram todos a salvamento.

O lugre *Anfitrite*, de Aveiro, de 180 ton., pertencente à «Parceria Maritima Boa União», navegava também no dia 10 de junho do Funchal para Bordeus, com carregamento de vinhos, cacau e manteiga, quando foi atacado por um submarino a 40' do Cabo Prior, o qual o afundou por meio de bombas. Os naufragos desembarcaram no porto da Corunha.

O lugre-escuna *Santa Maria*, de Viana, de 204 ton., pertencente à «Parceria das Pescarias de Viana», navegava, no dia 10 de junho, do Porto para Lisboa, com carregamento de carvão, quando, um pouco ao sul do Cabo Carvoeiro, avistou um submarino que o intimou a parar com um tiro.

Depois de saqueado, foi o navio afundado com 4 bombas, seguindo a tripulação num bote para Peniche, onde chegou de madrugada.

O lugre *Venturoso*, de Lisboa, de 290 ton., que navegava de Lisboa para Rouen, com carregamento de vinho, e o hiate *Berta*, de 200 ton., que regressava em lastro de Bordeus para Lisboa, foram afundados nas mesmas condições dos anteriores, em 26 de julho, ao largo da Povia de Varzim, a uns 10' de terra, tendo os naufragos desembarcado naquela praia.

Outro tanto sucedeu ao hiate *Loanda*, da Figueira, de 141 ton., pertencente à «Sociedade de Pesca Africana», em 13 de julho, a 45' ao NW do Cabo da Roca, quando navegava de Lisboa para Bordeus com carregamento de vinho, salvando-se a tripulação numa baleeira que veio aportar a Lisboa.

O lugre *Ligorio*, construído recentemente na Figueira, quando seguia viagem para França com carregamento de vinho, foi atacado em circunstâncias semelhantes às dos anteriores por um submarino, cujos tiros o não chegaram a afundar.

Alemanha

Salvação dos navios afundados. — Os engenheiros navais alemães, têm estudado este problema, contando resolvê-lo duma forma bem satisfatória. Logo que a guerra termine, os navios de salvação partirão em busca dos despojos que jazem no fundo dos oceanos, contando fazer uma riquíssima colheita.

E', porém, provável que encontrem concorrentes.

Brasil

Utilização dos navios alemães. — O govêrno brasileiro, resolveu utilizar os navios alemães refugiados nos seus portos, mais de 200:000 toneladas, dos quais a maior parte pertence à «Hamburg-Sud-Amerikanische», «Hamburg-Amerika-Linie» e «Nordeutsche Lloyd».

O maior navio é o *Blücher*, de 12:350 ton., da «Hamburg-Amerika».

Protecção à marinha mercante. — As companhias de navegação subvencionadas pelo Govêrno Federal, são 10, além do «Lloyd Brasileiro», pertencente ao Estado. Além desta subvenção, podem receber outras pelos Estados, e gozam além disso de isenções de direitos a impostos.

O orçamento deste ano estabelece prémios de construção naval a 50 £ por tonelada de deslocamento, para navios entre 80 a 500 ton., 80 £ entre 500 e 1:500 ton., e 100 £ entre 1:500 a 6:000 ton. Também é concedido o prémio de 25 £ por ton. para compra de navios no estrangeiro.

Estados-Unidos

Os navios ex-alemães. — As avarias causadas nos próprios navios pelas tripulações alemãs foram consideráveis. Os que mais sofreram foram os que têm actualmente os nomes de *Presidente Lincoln*, *Presidente Grant* e *Pennsylvania*, alcançando a reparação das avarias o valor de 250 mil dolars em cada um dêles.

Os cilindros daquêles três navios estavam inaproveitáveis. As fornalhas dos 9 navios que se encontravam nos portos do Hawai foram propositadamente queimadas.

Alguns dos navios ex-alemães serão utilizados para quartéis dos recrutas da armada, cujo número tem aumentado consideravelmente.

Instrução sôbre minas. — A Direcção do Comércio, distribuiu instruções por toda a costa, sôbre a maneira de evitar as minas submarinas e de as fazer rebentar sem perigo.

As minas dadas à praia devem ser rebentadas a tiro, nunca a menos de 150^m de distância.

Inglaterra

A actividade das construções navais. — A Confederação dos operários metalurgicos, recebeu um officio do Almirantado, apelando para o seu patriotismo para que as construções navais fôsem o mais possível intensificadas e lembrando que as armas contra o bloqueio dos submarinos são, por um lado

os navios de guerra que os perseguem, e por outro lado os navios mercantes que pelo seu número crescente lhes inutilizam a acção.

O Governo espera que a produção anual alcance um milhão de toneladas.

Escola para oficiais de marinha mercante. — Acaba de ser formada uma companhia, na qual entram como acionistas alguns dos principais armadores, para fundar uma escola nautica e cuidar da educação completa dos futuros oficiais. Esta instituição tem o apoio do almirantado, fazendo parte do conselho de administração um delegado d'este.

Os alunos entram dos 13 ¹/₂ aos 14 anos e, depois de um curso de 2 anos, embarcam em navios de vela durante um ano. Em seguida, os que se destinem à Reserva Naval terão outro ano de embarque nos navios da Armada.

Fusão de companhias de navegação. — Fundiram-se temporariamente a «G. and O.» e a «Union Steamship Co», de Nova Zelandia, a qual possui uma frota de 76 vapores, de 243:278 toneladas brutas, fazendo serviço de passageiros, correio e carga entre a Australia, Nova Zelandia, Vanconver e S. Francisco.

Japão

Prosperidade da marinha mercante. — Livre da concorrência das marinhas estrangeiras, tendo sofrido ligeiras perdas em consequência da guerra (120:000 ton., em 1916), a marinha mercante japonesa é a única que tem prosperado com a guerra. O aumento de tonelagem da «Nippon Ynsers», a principal companhia de navegação japonesa, é por si só, um sintoma notável.

Tonelagem em 1913	340:000 ton.
» » 1914	380:000 ton.
» » 1915	428:000 ton.
» » 1916	457:000 ton.

A segunda companhia em importância é a «Osaka Shosen», que tinha em construção, no começo de 1917, 19 vapores com 105:000 ton.

Actualmente estão em construção nos estaleiros japoneses 182 vapores com 818:000 ton.

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 DES MARETZ (docteur). *Le Service de santé de l'avant*. Ce qu'il est. ce qu'il devrait être. Nice, Impr. spéciale du «Petit Niçois». 1917. In-8, 47 p.
- 2 DESTRIÉE (J.). *En Italie pendant la guerre. De la déclaration de guerre à l'Autriche (mai 1915), à la déclaration de guerre à l'Allemagne. (août 1916)*; Macon, impr. Portat frères. Bruxelles et Paris, Librairie d'art et d'histoire G. Oest et C^{te}, édit. 1916. In-16, 248 p. Fr. 3,50
- 3 NORDMANN (C.). *A coups de canon. Notes d'un combattant*. Avec une lettre-préface du général Nivelles. Evreux, impr. Ch. Hérissey. Paris, Perrin et C^{te}, libr. édit 35, quai des Grands-Augustins. 1917. In-16, v-254 p.
- 4 ROUSSEAU (A.) rédacteur maritime du «Temps». *Sous-marins et Blæus*. Paris, Société française d'imprimerie (L. Cadot, directeur). Paris, libr. Félix Alcan, 108 boulevard Saint-Germain. 1917, (7 mars). In-8, 64 p. avec cartes et graphiques Fr. 2
- 5 Section de préparation militaire. *Programme d'instruction*. Paris, Société française d'imprimerie (L. Cadot directeur), 12, rue de la Grande-Batelière. 1916. (1^{er} mars 1917). In 12, 24 p.
- 6 BANÉS (M.) de l'Académie française, président de la ligue des patriotes. *La Croix de guerre*. Paris, impr. Chaix; Emile-Paul frères, éditeurs 100 rue du Faubourg Saint-Honoré, place Beauvau (6 mars) 1917). In-6, 459 p. Fr. 3,50
- 7 *Annuaire général du corps de l'intendance militaire et du corps des officiers d'administration du service de l'intendance*. 25 novembre 1916. Limoges, impr. et libr. Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison 124, boulevard Saint-Germain. 1917. Grand in-8, 186 p. Broché Fr. 3,50 relié, fr. 4,50
- 8 *Annuaire officiel des vétérinaires militaires*. 1^{er} septembre 1916. Limoges, impr. et librairie Henry Charles-Lavauzelle. Paris, librairie de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 158 p. Fr. 3
- 9 *Aptitude physique au service militaire*. Volume arrêté à la date du 20 décembre 1916. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 72 p. Cent. 75
- 10 HANOTAUX (G.) de l'Académie française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 36, 57, 58 et 59 Paris, impr. G. Malherbe et C^{te}, l'Édition française illustrée (Gounouilhau, éditeur), 30, rue de Provence. 1917. Quatre fascicules in-4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustration. N.º 56, p. 65 à 88; n.º 57, p. 89 à 112; n.º 58, p. 113 à 136; n.º 59, p. 137 à 160 le fascicule net Fr. 1
- 11 DU PAQUIER (Colonel). *La Grande Guerre racontée par les soldats et les témoins* Lausanne. Impr. réunies. Paris, libr. Payot et C^{te}, 46, rue Saint-André-des-Arts. 1915. (16 mars 1917). In-8 à 2 col., 103 p. avec illustrations Fr. 1
- 12 *État militaire des officiers de cavalerie*. 15 octobre 1916 Limoges, impr. et libr. Henry Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-8, 279 p. Broché Fr. 3; relié, fr. 4
- 13 LE PILEUR (docteur R.) médecin de Saint-Lazare. *Campagne de 1870-*

- 1871 *Une page de la cinquième ambulance internationale. Comment elle put sortir des lignes allemandes.* Abbeville impr. F. Paillart. Paris, libr. E. Champion, 5 quai Malaquais. 1916. In-8, 352 p. avec facsimili et une gravure.
- 14 DEZ (G.) élève de l'École normale supérieure. *La Bataille de la Marne.* (Le Théâtre des combats de septembre 1914). Melun, Imprimerie administrative. 1916. In 8, 35 p.
Ministère de l'instruction publique et des beaux-arts. Musée pédagogique, 41, rue Gay-Lussac. Service des projections lumineuses. Notice sur les vues.
- 15 Guerre (la) de 1914. *L'Action de l'armée belge pour la défense du pays et le respect de sa neutralité. Rapport du commandement de l'armée.* (Période du 31 juillet au 31 décembre 1914). Londres, impr. W. H. L. Collingridge City Press' 148 et 149. Aldersgate St. E. C. Paris, Marc Imhaus et René Chapelot, libr. édit., 30, rue Dauphine. Nancy, même maison 1915. In-4 oblong, 101 p. avec croquis Fr. 1
- 16 GUYOT (Ch.) secrétaire perpétuel de l'Académie de Stanislas, président de la Société de secours aux blessés militaires, comité de Nancy. *Deux œuvres de guerre à Nancy en 1916.* Foyer du soldat et Cantine de gare; Nancy, impr. Berger-evrault, 18, rue des Glacis. 1917. In-8, 23 p.
Extrait des «Mémoires de l'Académie de Stanislas». 1916-1917.
- 17 *Pratique (la) de la chirurgie de guerre aux armées*, publiée par E. Foisy médecin chef d'une ambulance, ancien interne en chirurgie des hôpitaux de Paris. Avec la collaboration de plusieurs médecins. Deux fascicules in-8 avec fig. Fascicule 3, p. 217 à 354; fascicule 4, p. 365 à 510 chaque Fr. 2,50
- 18 *Règlement de manœuvres de l'artillerie à pied. Artillerie de siège et place. Instructions sur les services de l'observation et des transmissions dans l'artillerie à pied. Annexe I Echelles. Observations de siège et place.* Approuvée par le ministre de la guerre, le 10 décembre 1912, Paris, Impr. nationale 1915 (29 mars 1917). In-12, 54 p. avec fig.
- 19 VELLAY (C.). *La Guerre européenne et la Question de l'Adriatique.* Coulonniers, impr. Dessaint et C^{te}. Paris, Marc Imhaus et René Chapelot, libr. édit., 30, rue Dauphine. Nancy, même maison. 1915. Petit in-8, 128 p. avec cartes Fr. 1

Inglaterra

- 1 BUCHAN (John). *Nelson's History of the War.* Vol. xiv., from the Opening of the Rumanian Campaign to the Change of Government in Britain. Cr. 8vo, pp. 215. *Nelson* net 1/3
- 2 CERNOVALE (Luigi). *Why Italy Entered into the Great War.* Cr. 8vo, pp. 673. *Italian American Pub. Co.*
- 3 DE BELLEGARDE (Sophie). *The Russian Soldier-Peasant. War Sketches and Incidents.* Edited by the Rev. E. Hermitage Day With a rologue by the Very Rev. T. C. Fry. Cr. 8vo, swd., pp. 81. *Mowbray* net 1/6
- 4 DESTREE (Jules) and Dupierreux (Richard). *To the Italian Armies.* 8vo, swd., pp. 88. *T. Fisher Unwin* 6d
- 5 DOITSH (Corpl. E.). *The First Springbok Prisoner in Germany.* Reissue. Cr. 8vo. *McBride Nast* net 2/
- 6 GOODCHILD (George). *The Last Cruise of the «Majestic».* Cr. 8vo, pp. 189. *Simpkin* net 1/6
- 7 KETTLE (Prof. T. M.). *The Ways of War. With a Memoir by his wife.* Mary S. Kettle. 8vo, pp. 249. *Constable* net 7/6
- 8 *No Man's Land.* By «Sapper». Cr. 8vo, pp. 328. *Hodder & S.* net 5/
- 9 REDMOND (Major William). *Trench Pictures from France.* With a Biographical Introduction by E. M. Smith Dampier. Cr. 8vo, pp. 185. *A. Melrose* net 3/6

- 10 SOMMERS (Cecil). *Temporary Heroes*. With Illustrations by the Author. Cr. 8vo, pp. 244. J. Lane net 3/6
- 11 STIRLING (Commander Yates). *Fundamentals of Naval Service*. Cr. 8vo. Lippincot net 8/6
- 12 THOMPSON (Cap. G. C.) *An Address to Recruits on the Duties of a Soldier*. Cr. 8vo, pp. 15. Gale & Polden net 5d
- 13 THORNTON (Gy). *With the Anzacs in Cairo. The Tale of a Great Fight*. Cr. 8vo, pp. 159. H. R. Allenson net 2/6
- 14 *United States Navy* (The) 4to. G. Philip net 1/
- 15 YOUNG (Francis Brett). *Marching on Tanga*. With General Smuts in East Africa. Cr. 8vo, pp. 277. Collins, Sons & Co. net 6/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim de administração militar*, n.º 9 de setembro de 1917. Fardamento em campanha. Organização do corpo de trens, na Alemanha e na Austria e do serviço de automoveis na Austria. Rações de víveres e forragens em diferentes exércitos. Tabela de vencimentos das praças de pré. Coronel Henrique Fradesso Salazar Moscoso. Sinopse. Movimento do pessoal de administração militar.
- 2 *O Instituto*, n.º 9 de setembro de 1917. El terremoto y los edificios. El sismógrafo. Historia da instituição da Santa Ordem de Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Memorias arqueologico-historicas do distrito de Bragança. Correspondencia do Conde de Castelmelhor com o P.º Manuel Fernandes e outros (1668 e 1678). O Fausto de Goethe. Documentos sobre várias industrias portuguesas.
- 3 *O Oriente português*, n.ºs 5 e 6 de maio e junho de 1917. Aula de artilharia em Goa. Documentos do arquivo da fazenda. Abreviaturas latinas. Dialecto indo portuguez de Ceilão. Varia variorum.
- 4 *Revista de engenharia militar*, n.ºs de outubro a dezembro de 1916. Latitudes e longitudes por passagens meridianas de estrêlas e cronómetros siderais. Depositos cilindricos com secção eliptica. Companhia de torpedeiros.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 186 de agosto de 1917. Ensaio de vacinoterapia antistrepto-cocica. O cavalo da Beira — Carta póstuma de José Anastacio Monteiro. Serviços veterinários do Ultramar — Regulamento da Sociedade Pecuária de Angola. Ementario dedicado aos noveis médicos-veterinários. Zootecnia — Tabelas de pontuação adoptadas na cadeira de zootecnia da Escola de medicina veterinária.
- 6 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 41 e 42 de 15 e 30 de setembro. Medidas de justiça. As colonias. Promoções. Salvé. Patria! A festa da arvore e o exercito português. A espionagem. O 7.º aniversario da República. O quadro privativo dos officiais do Arsenal do exercito. Quadro auxiliar de artilharia. As reformas das praças de pré. A Valanguesa — O tambor. Fragmentos dum morteiro. O alcance maximo dos canhões modernos. Alguns alvitres. Meios e métodos de combater os aeronaves.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 294 de julho de 1917. Chismes militares. Construcciones de caminos militares. Ley de conscripción por sorteo de los E. E. U. U. da America aprobada por el Congreso. Ejercito Norteamericano — Datos sobre su organización en pie de guerra. — Efectivos de oficiales y tropa. Organización de los servicios de teléfonos y telegrafos militares en la guerra europea.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 7 e 8 de julho e agosto de 1917. Munição de fuzil Mauser mod. 1908. A patrulha de oficial como órgão da missão estratégica da cavallaria. As cinco armas em acção.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 360 de julho e agosto de 1917. Peligro para la navegacion en nuestra costa, si no se corrige el error de escora. Consideraciones artilleras. Grandes o pequenos acorazados. Telescopio sistema Goerz para director de torpedos. Acorazados sin coraza. Caracter militar. Los contadores de la armada, su situacion actual y expectativas de ascensos. Los servicios administrativos de la armada y su personal. Notas navales.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 55 a 60 de janeiro a junho de 1917. El taquimetro. A través de la prensa extranjera: tema de actualidad. La guerra moderna. La edad en la marina. Maravilloso tratamiento de las heridas. Empleo de la carabina en los soldados de artilleria. A través de la prensa extranjera: Moral profesional. Notas de campaña de Mejico y la frontera mejicana. Notas sobre educación militar. Estudio sobre la conducción de las pequeñas unidades en la ofensiva. A través de la prensa extranjera: Filosofia de la guerra. La intendencia en los ejercitos modernos. El submarino fomenta la agricultura. Assuntos militares. Movilizacion. A través de la prensa extranjera: Indicaciones para conducir la instruccion. Los servicios de la aviacion en tiempo de paz. Los nuevos submarinos alemanes. El ganado caballar. Importancia de la instruccion nocturna de las tropas en movimiento y operaciones de combate. Influencia atmosférica en el tiro de artilleria. A través de la prensa extranjera: Tratamiento general moderno de heridas recientes produzidas por armas de fuego, Los proyectiles luminosos y la guerra de noche. El involucimiento y el ataque frontal. Ejercitos en miniatura. Rasgos del gran Mariscal de Ayacuche. Aparato acústico de alarma. Apuntes sobre administración militar. El factor naval en Colombia. A través de la prensa extranjera: Importancia economica y politica de las instituciones militares. Sobre la utilidad y empleo de los aeroplanos en las maniobras y en la campaña. Educación militar, su utilidad y sus defectos. Procedimiento especial para suprimir el retroceso.

Cuba

- 1 *Boletin del ejercito*, n.º de agosto de 1917. La fortificacion ante los progresos de la artilleria. El tiempo y la guerra. Ejercito de los Estados Unidos. Las minas en la guerra de trincheras. El modo de asegurar las necesidades del ejercito. Algunas notas sobre la infanteria en la guerra actual. Educacion e instruccion. Adiestramiento del caballo de guerra. Catecismo del oficial. Produccion de material de guerra en Inglaterra.

Espanha

- 1 *Memorial de artilleria*, n.º de setembro de 1917. Artilleria movil para la defensa de costas. Ensenanzas de una comision en Suiza. El «Duriron».
- 2 *Memorial de caballeria*, n.º de setembro de 1917. A cavallaria e a avia-

ção. Coisas de cavallaria — Sobre organização. Explosivos, explosivos, explosivos. Cronica de guerra.

- 3 *Memorial de infanteria*, n.º 68 de setembro de 1917. Algunas enseñanzas de la guerra actual. Bases y líneas generales para un proyecto de organización militar de España. Proyecto de reglamento para la instrucción táctica de las tropas de infantería. Sitios de Badajoz desde el siglo XVIII. Bosquejo histórico de la Isla de Mallorca. De la educación moral en tiempo de paz. Novo sistema de puntería en los fusiles. Carruajes que se arrastan, marchan e patinan. Lo que importan las municiones y el armamento en una batalla moderna. El capitán Fernandez de Pablo. La guerra europea. Los cursos en el año actual de la Escuela de Tiro de Infantería.

Estados Unidos

- 1 *The International Military Digest*, vol. 3.º n.º 9 de setembro de 1917.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, julho-agosto de 1917. Sulla combustione delle polveri in recipiente di capacità invariabile. Cenero sull'impiego tattico dei palloni frenati. Un'applicazione delle formole sulla resistenza delle artiglierie del colonnello Giovanni Bianchi. L'organizzazione industriale secondo il Taylor. Miscelanea.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de setembro de 1917. Forza numerica degli ufficiali dell'arma di cavalleria. Da un mese all'altro. L'esodo. Pagina di guerra. Cronaca degli avvenimenti di guerra dell'agosto 1915. Soldati e vettovaglia.

Mexico

- 1 *Revista del ejército y marina*, n.º de junho de 1917. El espionaje. Arquitectura naval. Reclutamiento de oficiales. La importancia del Torpedo automóvil. El oficial de artillería en campana. Conferencia sobre Historia de la marina. Derecho de guerra. La bandera y el Himno Nacional. Relación de las calificaciones de los alumnos de la Academia de E. M. Catecismo del oficial. Deposito de sementales y establecimientos de remonta. El centinela.
- 2 *Tohtli*, n.º 9 de setembro de 1917. La representación nacional y la aviación mexicana. El aeroplano en el extranjero. El motor Gnome se está fabricando también en los Estados de América. Seguridad y utilidad del aeroplano. La aviación francesa. Aviación militar. ¿Qué es el aeroplano? Sobre la utilidad y empleo de los aeroplanos. Método para seleccionar un ala de aeroplano con relación al área y a la sección. De centro América.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 88 de agosto e setembro de 1917. Utdannelse i instruksjon og avdelingsfering. Krigen xxv. Evakueringen av Gallipoli.

Peru

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.º de abril e maio de 1917. Conferencias en la Academia de Estado Mayor. El aprovisionamiento y reemplazo de municiones en la guerra. Crónica de las acciones de la caballería en la guerra de las naciones.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 9 de setembro de 1917. Le théâtre des opérations de l'armée italienne. Un coup de main dans la guerre de tranchées. Chronique suisse. Chronique belge.